

*E aqueles que por-obras valerozas  
Se-vam da-lei da-Morte libertando ;  
Cantando espalharei , por-toda a parte ;  
Se a tanto me-ajudar o ingenho , e arte.*

Tudo o que se-compreende nestas duas Estancias, é propozifam : e tudo isto ele promete cantar. Mas aindaque na propozifam de uma poema se-pofam acrescentar, alem da-asám, algumas coizas ; estas devem ficar fóra da-fabula, e nam deve o Poeta cantálas ; e fomite nos-epizodios do-dito poema, é que se-toca alguma delas. v. g. *O novo Reino que se-fundou entre gente remota* &c. é acrescentamento, que rezulta da-asám ; e fomite se-canta por-epizodio. O *Camoens* porem inclue tudo na propozifam, e assim o-executa: desorteque considerando os que inculca, na segunda Estancia ; bem se-ve que entram, nam por-acrescentamento, mas diretamente. Contudo os Reis de Portugal, de que trata no Canto III., e IV., nada tem que fazer, com a principal asám, e entram por-epizodio. *Os que por-obras valerozas se-vam da-lei da morte libertando*, que sam todos os outros Portuguezes illustres, tantos antigos, como modernos, tambem estam fóra da-principal asám, que é a navegafam do-Gama. Com effeito o *Camoens* lá os-introduz por-epizodio, no-principio do-Canto VIII. mas nam obstante isto, na propozifam do-poema mete-os diretamente, com os outros. Os que foram governar a India, tambem entram por-epizodio, no-principio do-Canto X. mas sem reparar niso, ele os-propoem com os outros, no-5. e 6. verso da-2. Estancia. Assim na primeira Oitava confunde, os que foram com o Gama conquistar a India, com os que ao despois foram governála: e de uns, e outros diz, que edificáram novo Reino. Este defeito é de toda a considerafam, nesta materia. *Gracez* os-reconhece em *Camoens*: mas querendo desculpar nele, o ter proposto *muitos varoens*, com o exemplo de *Caio Valerio Flaco*; é mostrar que ignora, o pouco conceito que os eruditos tem, das-obras de *Flaco*; nas-quais acham mil defeitos contra a arte; e nenhuma grafa, ou beieza: desorteque os seus erros, nam podem servir de desculpa, aos de *Camoens*.

Errou alem diso o *Camoens*, em nam sustentar sempre o carater, e grandeza do-seu eroe: que abaixa sensivelmente no-Canto VIII. do-meio para diante. Errou, nas enfadonhas *gregoens* que introduz, por-toda a parte. Errou, em acabar quazi todos os Cantos, com esclamafoens mui fóra de propozito, e muito contra o estilo da-Epopeia. Tambem errou consideravelmente, introduzindo no-seu poema, as Divindades dos-Etnicos: nam alegorizando a coizas santas, como puerilmente pertende o *Faria*: nam aos Planetas personalizados, como benignamente interpreta o *Gracez*; o qual fingio uma nova constelafam para Baco, que nam se-intende o que é: mas em sentido proprio, da mesma sorte que faláram os idolatras Romanos; pois mete *Venus*, e *Baco* imprudentemente por-toda a parte. Isto é tam claro

claro no-seu poema, que me-admiro muito, que aja quem o-queira desculpar, nesta materia. Se nam quizermos dizer, que se-servio de palavras sem significado; que seria outro erro.

Mas deixando muitos outros erros, em materia do-Epico, que se-podiam apontar; tem outros nam menos censuraveis, em todo o genero de Poezia. Muitos versos errados, por-exceso de filabas: outros por-falsidade das-rimas, que nam sam consoantes &c. muitas palavras Latinas sem necessidade alg ma; vistoque em Portugal á bastantes igualmente boas. Tem alem diso outros defeitos, comuns neste Reino: entre eles a prezunsam, de dizer sempre sentenças: o que nam nega o *Gracex*, nega porem, que *Camoens* seja obscuro; e afirma, que os seus versos sam canoros. E eu confesso a V. P. que acho estes dois defeitos exprefamente no-*Camoens*: e que reconheço, que um douto Francez, que o-censura nisto, tem muita razam. Os versos de *Camoens* sam languidos, e pola maior parte sem grafa. Escreve comumente muitas vogais seguidas: e como os Portuguezes costumam na pronuncia, comer as ditas vogais, umas com outras; é necessario, para nam errar o verso, tomar frequentes respiraçoens, e fazer muitas paugas no-meio do-verso: o que faz perder a harmonia. A prova disto é ler o *Camoens*: pois a cada passo se-incontram os exemplos: que se eu quizesse citar, seria necesario fazer um livro. Mas deixando outros muitos, obierve V. P. estes, no-principio do-primeiro Canto.

*O quarto, e quinto Afonso, e o terceiro.  
Em vós os olhos tem o Mouro frio.  
Dai-me agora um som alto, e sublimado.  
E costumai-vos ja a ser invocado.  
Com uma coroa, e cetro rutilante.  
Guerra Roma tanto se-afamáram.  
Onde o dia é comprido, e onde é breve.  
Da-antiga tam amada sua Romana.  
E outro pelas onras que pertende.  
Deitando para traz medonho, e irado.  
Estrangeiros na terra, lei, e Nasam.  
A Natura sem lei, e sem razam.*

Quem diser que estes versos, e outros, que podia apontar, sam armoniozos, e encham bem a orelha; é necessario que tenha, orelhas mui compridas. Sam poucos os versos de *Camoens*, que nam tenham algum defeito de disonancia. A obscuridade ninguem lha-pode negar, quando queira examinar, as suas composçoens. Nace em primeiro lugar, de uzar de palavras Latinas aportuguezadas, sem necessidade alguma: e isto nam uma ou outra vez, o que se-podia perdoar, e podia enriquecer a lingua, multiplicando os sinonimos da-mesma palavra: mas frequentissimamente, com afetasm manifesta. Nace em segundo lugar, de introduzir palavras, e frases, que nada significam

nificam; o que é mais frequente na *Luziada*: porque no-Lirico explica-se naturalmente. v. g. Estas palavras: *som sublimado: furia grande, e sonora: esperar jugo, e vituperio: tenro gosto: Mouro frio: suprema eternidade:* e outras que se-acham na-invocam que faz, a El-Rei D. Sebastiam; sam palavras que nada significam, e cauzam confuzam em quem le. Nace tambem, de certas aluzoens torladas, e trazidas de longe, que frequentemente uza. A 6. e 7. Estancia, em que comesa o comprimento ao dito Rei, e tam obscura, que nam se-pode intender sem comentario: e o mesmo podia dizer, de quazi toda a invocam. Isto acha-se frequentemente, em todo o poema: o que unido com a negligencia do-verso, faz, como disse um omem douto, que cada Estancia seja um misterio: o que é um consideravel defeito, em um poema Epico: cuja dilam deve ser, aindaque nobre, natural, clara, e inteligivel. Onde quando o *Gracex* quer defender, a clareza de *Camoens*; mostra, que nam está despido, de toda a paixam: e vem a cair no-mesmo defeito, que ele condena no-*Faria*. Estes defeitos sam mui consideraveis, neste Poeta; e mostram o pouco discernimento, que tinha, das-coizas: e quem os-nam-distingue, nam intende que coiza é Poezia. Contudo, tirando estes defeitos, nam deixa de ser um, dos-melhores Poetas Portuguezes.

Quanto ao poema de *Filis*, e *Demofonte*, obra do-*Chagas*, de que acima falei; é ele tal, que eu nam sei como lhe-chame. Pola figura, parece Epopeia: mas examinado dentro, nam é mais que uma istoria de amor, mui afetada. Reconheço, que o autor o deixou imperfeito: como se-ve do-Canto VIII. que nam tem mais que 5. Estancias; e do-X. que tem 15. mas o corpo da-obra mostra mui bem, o que o Poeta queria. O titulo é este: *Filis, ou Poema Tragico de Filis, e Demofonte*. e nisto se-descobre, que o *Chagas* nam sabia, que coiza era poema Epico, nem como dele se-faziam os titulos. A asam do-poema é, a navegam de *Demofonte*, que se-retirava do-sitio de Troia: e o Poeta perde logo de vista este ponto, e occupa o poema com amores. No-primeiro, e segundo Canto, em que descreve a guerra de Troia, e o seu naufragio; imita servilmente *Virgilio*, quazi palavra por-palavra. Somente o-nam-imita, nas comparaçoens: pois sam tam frequentes, e enfadonhas, as que introduz; que nam se-podem ler sem fastio. O III. Canto é uma disputa escolastica, sobre o amor; com mil conceitos improprios, e de rapaz. No-IV. em uma casada ajusta-se o casamento: e copeia fielmente *Virgilio*, na cova onde se-retiraram os amantes &c. O V. Canto consiste na descriçam do-lago Averno, caza de *Plutam*, e outras arengas mais; em que entra um sacrificio, que nam se-sabe o que quer dizer: e finalmente *Demofonte* mata *Ardenio*. As duas descriçoens do-Palacio de *Plutam*, e da-jornada que este fez; sam as coizas mais ridiculas, que eu ainda vi. O Canto VI. é uma istoria tragica, dos-amores de uma pastora; que nada tem que fazer, com a asam do-poema. Mas a melhor istoria está

está no-Canto VII. em que o Poeta representa o seu eroe mui descansado, polo espaço de dez mezes; sem que posamos saber, o que fez nesse tempo. Depois, quando ele já nam cuidava mais em Atenas, o-chama seu pai. custa-lhe a persuadir a Filis, que o deixe partir: mas finalmente parte. O VIII. Canto nam diz nada. O IX. é uma embrulhada terrivel. Começa com as saudades de Filis: esta vai consultar a Sibila Delfica, sobre os sucesos de Demofonte. Descreve a Sibila, e a sua caza mui mal. Poem na boca da-Sibila um epizodio, da-Geografia de toda a terra; em que mistura umas coizas, com outras, e comete alguns erros. Mostra-lhe a Sibila o seu Demofonte, adorando a Florisbe. Filis raivoza rompe o espelho magico; e succede um espalhafato orrendo. Filis fica esta noite no-campo, (nam se-falando mais no-que succedeo à Delfia) exclamando contra as ingraticadoens de Demofonte: e mata-se com a sua propria mam. E aqui descreve puerilmente, os efectos da-sua morte. No-Canto X. torna Demofonte para Tracia, e sabendo a morte de Filis, que se-convertèra em arvore, quer abrasála: e succede milagre, que no-mesmo instante produzio a dita, folhas, frutos, e aromas: os ramos tangèram, e banháram as flores.

Esta em duas palavras é a serie, e analize do-poema: na qual verá V. P. que este Poeta nem menos sabia, o que significava *poema Epico*. Esta sua composiçam, nam tem unidade de asám: porque toda a asám se-acaba em poucos dias, com o cazamento: a viagem ultima, foi um divertimento. Nam tem fabula: porque se-ve claramente, que é uma istoria, sem enredo, nem solusam. A descriçam da-Terra, que faz a Delfia, nam tem parentesco algum, com a asám. isto é uma embrulhada, que eu nam vi tal. A transformaçam de Filis em arvore, e o milagre das-flores; é outra parvoice, que ali nam tinha lugar. Só faltou ao Poeta dizer, que Demofonte se-enforcára na dita arvore: e acabava a tragedia. Tambem lhe-falta a unidade de tempo &c. Quanto ao modo de dizer; em quazi todas as partes se-serve de palavras, que nada significam: as frases sam afetadas: os conceitos sam pueris: e quando diz alguma coiza mais estudada, vese uma afetaçam condenavel em tudo. Ignora totalmente o *decoro*, e carater dos-sujeitos: o que se-ve, quando introduz no-Canto III. um guerreiro como Demofonte, disputando uma questam anatoria; como faria um academico, a quem encarregasem este assunto: ou tambem quando deixa uma Rainha como Filis, uma noite inteira, no-meio de um bosque medonho, sem companhia; o que mostra, a suma inverosimilidade: alem de muitas coizas, que podia notar. Onde torno a concluir, que de poema Epico, o *Chagas* nam sabia nada: e que pode V. P. aconselhar ao noso \*\*\* que nam tenha dificuldade, de emprestar o tal poema; porque se o-perder, perde pouco.

Outro Portuguez chamado *Francisco Botelho de Morais*, e *Vasconcelos*, publicou dois poemas: um intitulado *El Nuevo Mundo*: cujo argumen-

gumento é, o triumpho de Osiris, na corte de Atlantide: e este nam pode ver. O que porem vi averá anos, foi outro poema intitulado, *El Alfonso*: em que com XII. Cantos descreve, a primeira conquista de Portugal, por Afonso I. Polo que agora me-lembro, cuido que nam se-pode chamar Epopeia: mas uma simplez istoria da-dita guerra, alterada com algumas fabulas: de forte que nam tem artificio algum, de Epopeia. Este Poeta quiz imitar em tudo, *Lucano*: e nam o-podendo imitar naquilo, que tem melhor; fomite o-imitou, nas enfadonhas digressões, e exclamações, que às vezes introduz: sendo uma destas tam grande, que ocupa um inteiro Canto. Tambem o-quiz imitar na afetação, de mostrar-se Astronomo, e Físico: pois nos-ultimos cantos, faz sem necessidade varios diicursos escolásticos, nesta materia: a qual, polo que mostra, intendia mui pouco. As fabulas são afetadas, e com bastantes inverosimilidades: entre estas ponho a da Deusa que vinha polo ar, acavalo em um grande leam &c. os versos são duros: e em todo o poema reina, uma obscuridade infofrivel: o que creio provém tambem, de escrever em Espanhol. Nunca pude intender, por-que razam um Portuguez deixa a sua lingua, para escrever na Espanhola, que pola maior parte nam alcança bem. Mas esta afetação é mui vulgar, em muitos destes seus nacionais, que querem parecer eruditos. Isto é o que agora me-ocorre, sobre este Poema: o que digo, porque nam sei se V. P. tem noticia dele, por-ser impresso fóra de Portugal. Dos-outros Poetas nam digo nada: porque sendo uzuais, do-que tenho dito, pode V. P. formar conceito, das-suas obras.

Os Romances, a que os Portuguezes chamam Novelas, são verdadeiras Epopeias em proza; e devem ser feitos da mesma sorte. Contudo acham-se poucos, que mereçam este titulo: pois os Portuguezes, e Espanhoes que se-acham, nada mais são, que istorias de amor mui inverosímeis. O *Telemaco de Monsieur de Salignac* é uma Epopeia das-mais bem feitas, e escritas, que tem apparecido.

Do-poema Dramatico direi pouca coiza, visto que os Portuguezes, nam se-aplicam a ele; por-se-persuadirem que o Drama, nam tem tanta graça em Portuguez, como em Espanhol. Mas este prejuizo comum, nam tem sombra de verosimilidade. Reconheço, que toda a Poezia soa melhor, na lingua Italiana, que noutra alguma: o que confessam os eruditos das-outras Nacões, que chegaram a possuir bem, a lingua Italiana: e ainda alguns Francezes doutos: nam obstante que outros queiram, que a Franceza seja propria, para a Poezia. (no-que, com sua licença, intendo que dizem muito mal: porque nam á coiza mais insulsa, que o verso duodecassilabo, de que uzam comumente os Francezes, e o modo de rimar deles. no-Lirico, e algumas cantigas, são mais toleraveis. Mas geralmente falando, a lingua Franceza é pouco propria, para a Poezia: porque nam tem nervo, nem harmonia) Mas o certo é que, depois da-Italiana, as duas melho-

res

res linguas são, a Portugueza, e Espanhola. E eu acrescento mais, que a Portugueza parece-me mais propria, para alguns generos de Poezia, do que a Espanhola: porque é secura, e grave, e nam tem aquele falso brilhante, que muitos loucamente admiram, na Espanhola. Se tiramos as terminações em *ão*, ou *am*; e *ãos*, e *oens* &c. nam sei que melhoria tenha a Espanhola, sobre a Portugueza; para dizerem, que aquella é propria para o Drama, e esta nam. Muito mais grave que a Espanhola, é a Latina; e contudo ninguém lhe-nega, o poder servir no-Drama. Onde, os que por este principio deixam de compor Dramas, em Portuguez; e vivem mui preocupados, e nunca consideraram bem a materia. Mas a razão ultima é, porque a estes modernos nam agrada, o modo de compor, a Comedia antiga: e só se deleitam, com esta moderna: (de que parece ter sido inventor, *Lope de Vega*) e como esta é composta de mil sutilezas, e coizas semelhantes; por-isto gostam das-Espanholas, que abundam disto. Mas como este estilo é muito mau, e se-deve praticar outra coiza diferente; daqui vem, que deve reconhecer, que a lingua Portugueza é tam capaz para o Drama, como a Espanhola.

O Drama, ou seja Tragedia, ou Comedia, nam é mais que uma instrução, que se-dá ao Povo, em alguma materia. A Tragedia trata, de algum caso extraordinario, succedido a pessoa grande. Com isto se-modera, a grande ambição dos-Omens, ensinando-lhe a conhecer, que as condições desta vida estão sujeitas, a todas as infelicidades. Alguns defeitos se-tem introduzido, na-Tragedia moderna: pois devendo ela conter somente, coizas eroicas; introduziram muitos, imitando aos Espanhoes, eroes amantes. E ainda os nosos Italianos, para agradarem ao Povo, que tem secreta inclinação, para ouvir estes enredos amantes; o-praticam: ainda que os omens inteligentes desprezem este estilo, que só é proprio da-Comedia. Nam é crível, que arte particular se-requer na Tragedia, para ser boa. Nela se-á de ver, um enredo bem ideado: um argumento digno, e nobre: uma elevação de pensamentos grandes: uma particular arte de excitar as paixões, com pinturas exatas, e discursos propios das-pessoas que falam: finalmente tudo á-de ser animado, grande, singular, sem ser afetado: O que na verdade é mui difficultoso: e ainda muitos omens grandes, em algumas destas qualidades; nam conseguiram, unilas todas.

A comedia é uma pintura, do-que succede na vida civil. e domestica. Ela ensina mil coizas aos ouvintes; mostrando de nam querer ensinar, mas somente divertir: porem neste mesmo divertimento, está o ensino: porque ela pinta desfora, os defeitos dos-Omens; que quem os-ve, ou ouve, nam pode menos, que envergonhar-se deles, e condenálos. Este é o segredo da Comedia; saber imitar bem a natureza; porem em modo que o-vejamos, sem advertir-mos o artificio. Convem pois com a Tragedia, em tudo: só diversifica no-argumento. E assim como na Tragedia nam basta, enredar bem

um fucefo ; mas é necesario observar , a verofimilidade , desfazer naturalmente , o nó do-argumento , observando eſcrupulozamente , os caracteres das peſoas ; afim tambem a Comedia : na qual deve reinar em tudo a naturalidade , mas judiciozamente diſpoſta : porque daqui rezulta , aquella particular galantaria , e fal , que os omens de juizo acham , nas boas Comedias. quando entra nelas afetaſam , acabou-ſe a graſa.

Por-eſte principio digo a V. P. que nunca achei Comedia Eſpanhola , que ſe-pudeſe ſofrer Raras vezes o Eſpanhol imita a natureza : reina a afetaſam , e as futilizas em tudo. O meſmo bobo , que deveria reprezentar , a figura de um louco ; fala com tanta deſcriſam , como o omem mais eloquente , e judiciozo : as mulheres todas ſão doutoras : todos dizem graſas , e agudezas : e afim nam ſe-observa , e verofimilidade dos-carateres. Querendo afetar tanta graſa , ſão os omens inſulſos , que ainda vi. Porque a graſa deixa de o-fer , todas as vezes que aparece o artificio , e nam nace das-entranhas da-materia. A noſa Comedia Italiana é mais natural : e aindaque alguns tenham introduzido , outro eſtilo florido , os omens mais doutos o-tem deſprezado. A noſa lingua é propria para a galantaria , e doſura da-Comedia. O ingenho do-Poeta prepara a materia , para fazer rir : e a galantaria da-expreſam , ajuda eſa meſma materia , para agradar mais : o que ſe-acha frequentemente , na noſa lingua. Na verdade é dom da-natureza , ſaber inventar materias agradaveis , e expolas em modo que agradem : mas alem deſte ingenho requer-ſe juizo , para ſaber diſtribuir as galantarias , onde devem intrar. Parece facil , o argumento da-Comedia : contudo é difficultoza a execuſam : e ſendo tantos os que compoem , ſão poucos os que o-fazem com felicidade. A maior parte daquelas Comedias , que em Cidades inteiras tem tido , grandes aplauzos ; examinadas de perto , merecem compaixam. Os Poetas ajuntãram muitas ideias ridiculas , com que pudeſem divertir os ignorantes , e adular as ſuas inclinaçoens : e como eſtes ſão os mais , daqui nace , que ſe-dam aplauzos a coizas , que os-nam-merecem. O omem de juizo vai à Comedia , com outros olhos , que nam o ignorante , e rude. Eſte para na ſuperficie do-que ouve : aquele penetra com a confideraſam , a intenſam do-Poeta : e quando nam acha o que deve , em vez de rir , vem-lhe vontade de chorar.

Alem do-que aſima diſemos , acha-ſe outro defeito , no-material das-obras de teatro , quero dizer , na ſua representaſam : vem aſer , quere-rem unir em tudo a representaſam , com o original. Alguns , para inſpirarem horror , reprezentam nas-Tragedias , a morte da um omem , e outras coizas improprias. Era mellhor , que o-mataſem de traz dos-baftidores , para poupar eſta deſcortezia aos ouvintes : baſtando que expuzefem , o corpo morto. Vi algumas vezes nas Comedias , intrar omens acavalo em verdadeiros cavalos : vi carros triunfais tirados por-quatro cavalos brancos ; com perigo de darem quatro coices , e deitarem abaixo os baſtidores ; ou fazerem al-  
guma

guma porcaria no-teatro: vi arremetarem bombas, e foguetes: vi dar fogo a uma Cidade, e uma Armada: e muitas coizas semelhantes. Mas isto é uma impropriedade, indigna de omens prudentes. A Comedia é imitação do-natural, e todos sabem isto: e assim nam se-devem introduzir coizas, que delimitam o que é Comedia. Muitas vezes ve-se voar um omem, na Comedia: outras vezes um diabrete vivo dece do teto, prezo por-uma corda: parecem-me os bonifrates do-Prezepio, que tem um arame na cabeça. Tambem aquilo de introduzir um Rei, e Rainha em uma camera, rodiados de soldados armados; ou aquilo de dar uma batalha sobre o teatro, nada tem de verosimel: Porque nem o Rei, quando está falando com a Rainha, tem as guardas de corpus na mesma sala: nem uma batalha se-pode dar, em quatro palmos de terra. Um bom Poeta dará melhor ideia de uma Armada, ou batalha; com uma famosa descriçam; e poderá com ela inspirar, sentimentos mais grandes, e nobres; doque com aqueles accidentes exteriores, e improprios daquele lugar. Mas o Povo vai à Comedia, para a-ver, e nam para ouvir: e só fica satisfeito, com estas coizas. Nam assim os omens que podem julgar, do-mercimento das-obras: estes nam podem deixar, de condenar isto; e sugerir ao Poeta, que disponha melhor as suas figuras. Isto é o que agora me-ocorre. Acrecento fomento, que as Comedias de *Camoens* nam me-agradam, aindaque uma delas parece mais soffrivel. Outras que vi modernas em Portuguez, tinham mais artificio: e na verdade eram menos más.

Tendo pois apontado a V. P. os defeitos mais comuns dos-seus Poetas; segue-se examinar, se estas reflexoens podem ser utis, e-como o-podem ser aos rapazes. E quanto à utilidade, é sem duvida, que a noticia das-regras é necessaria, para intender os autores: e a dos-versos, para intender a diferente harmonia das-suas obras: especialmente na lingua Latina, porque a beleza dos-versos consiste, na sua cadencia. Alem d'isto, a leitura dos-bons Poetas, eleva o intendmento para perceber, e ajuizar nobremente; e ajuda muito a Eloquencia: e como nam se-posam intender os Poetas, sem saber as regras; é necessario ter, alguma noticia delas.

Quanto ao modo, ja disse em outra carta a V. P. que é loucura obrigar os rapazes, a fazerem versos: e misturar os versos: com as outras composicoens; como se fosse coiza necessaria, para intender o Latin: os que fazem isto, nam intendem a materia: parece-me que o modo mais natural é este. A Poezia deve-se ensinar, em uma escola separada, em que nam se-trate outra coiza. Examinando primeiro o rapaz, se tinha ou nam genio para a Poezia; lhe-proguntaria expressamente, se a-queria seguir: e quando ele me-disesse, que sim; e eu com a experiencia visse, que tinha propensam para isto; lhe-daria uma arte Poetica Portugueza, feita por-este modo. Na primeira parte devem-se conter, as regras gerais da-Poezia, e a di-

diversa noticia de poemas : visto que as regras sã as mesmas, em todas as linguas : e isto historicamente, porem ornado com algum exemplo. Na segunda parte, deve-se primeiro tratar, das-diferentes composicoens Portuguezas, e algumas particulares do-Reino : e aqui explicar, como se-fôrma a Decima, Soneto &c. apontando um exemplo, em cada coisa : notando especialmente, a cadencia dos-versos, e estilo da-fraze poetica. Isto nam parece coisa de momento, aos que nam sã da-profissã, mas é de infinito prelo, aos que entram em semelhante estudo, e o-profundam. Acham-se mil Poetas, que, tem vaia ; mas porque lhe-falta a doutrina, pecam contra as leis da-arte, e nam brilham.

Neste tempo deve-se propor-lhe uma Decima, ou Soneto escrito &c. que ele nunca vise ; e obrigãlo a que em escrito, fasa a analize da-dita obra, se é boa, ou má ; que defeitos, ou belezas encerra. Este estilo de mandar pôr a lisã por-escrito, serve infinitamente, para a intelligencia das-coizas que estudam ; e para a memoria : e repetido varias vezes, quando ja tem noticia das-regras, poupa infinitas explicacoens, e faz-se com toda a felicidade : e tem o rapaz tempo de considerar, e emendar.

De sta primeira parte, deve pasar à segunda, tambem em Portuguez ; em que se-trate, das-particulares composicoens Latinas, e sua verificasã. Aqui deve-se repetir o mesmo, que disemos da-lingua Portugueza. Notará especialmente, as diferentes fôrmas de versos, de que se-formam as diferentes composicoens Latinas, como a Elegia, Epigrama, Ode, Idilio &c. Depois a cadencia do-verso, tanto a simplez, que é comua a todo o poema, como as particulares : as suspensoens, elizoens &c. e as que sã proprias, de varias paixoens do-animo. Depois o estilo e fraze poetica ; que é aquele particular idiotismo, de que se servem os Poetas : que se-compoem de expresoens elevadas, com que se-vareia muito o discurso ; expondo as coizas grandes, com muita nobreza ; e as pequenas, com muita galantaria. Finalmente aqueles epitetos proprios, tam belos no-verso, como afetados na proza : e mil outras coizas, que sã particulares do-estilo poetico, e que constituem a sua beleza. Estas coizas a um rapaz, que lê um poema, sã somente para intender a Latinidade ; nam sã necessarias : mas a um que quer compor, sã sumamente importantes : e sem elas fará versos, mas nam será Poeta.

A composicã seria a ultima coisa, que eu mandãse fazer aos rapazes : porque pede uma memoria, cheia de muitas especies : o que nam pode ter um rapaz. Deve-se comesar, polas composicoens Portuguezas : dando assumtos facis, e nam mandando compor, senã obras breves ; para terem ocaziã, de as-emendar. E nesta ocaziã pode o mestre explicar-lhe melhor, quais sã as expresoens proprias, para exprimir o que quer ;

quer; e dar-lhe por-este meio, uma boa noticia da-sua lingua. Com o tempo, e obſervando a capacidade do-estudante, pode ir aumentando, o numero das-compozicoens: ſendo ſempre melhor, mandar compor uma obra boa, a um certo afunto, doque muitas más, a diferentes. Feito isto, nam é crível, quanto ſe-facilita a compozifam no-Latim. Será pois esta a ultima parte da-compozifam: tendo a meſma advertencia, de comefar por-Difticos, Epigramas &c. afuntos brevifimos: pois nam enfastiam os rapazes; antes com eles ſe-dezembarafam muito, para as outras obras. E aqui, quando o mestre lhe-ensina, a compozifam Latina; lhe-deve ensinar tambem, o modo de pronunciar o Latim. Certo é, que a lingua Latina, deſpois da-Grega, excedeo muito as modernas todas na harmonia das-fuas expreſsoens: a qual coiza como nós nam ſabemos, por-iſo nam achamos nela a beleza, que achavam os Antigos. Contudo devemos procurar de imitar, a boa pronuncia: o que principalmente é neceſario, no-verſo. Quanto aos exemplos, devem eles ſer poucos, e bons: e deve o mestre fugir de *Regia Parnasi*, e outros livros deſtes, que eſtragam o bom goſto da-Eloquencia, e Poezia: porqué na leitura dos-melhores autores, aprende-ſe melhor. Afimque, nam achando isto feito, pode o mestre nos-meſmos autores mostrar os lugares, que ſam neceſarios: e encomendar muito aos rapazes, que os leiam, e decorem: pois só afim ſe-faz algum progrefo, na Poezia. Deſta ſorte pode ſer, que ouveſem mais Poetas bons, doque nam á; entre tantos mil verſejadores, que V. P. eſtá ouvindo todos os dias.

A Poezia nam é coiza neceſaria, na Republica: é faculdade arbitraria, e de divertimento. E afim nam avendo neceſidade de fazer verſos, ou fazêlos bem, ou nam fazêlos: por-nam ſe-expor às rizadas, dos-intelligentes. Se eu viſe que o estudante, nam tinha inclinafam à compozifam, explicaria brevemente, as leis poeticas; que é uma erudiſam ſeparada da-compozifam, e que todos podem aprender; ao menos para entenderem as obras: e o-deixaria empregar, no-que lhe-pareceſe. Deſta ſorte livres os estudantes daquele cativoiro, podiam empregar-ſe em coizas utis, e dar outró luſtre à Republica. Sei, que nem todos os mestres ſam capazes, de eſcreverem ſemelhante arte: mas ſe alguém a-fizeſe, e ſe-imprimiſe, podia ajudar muito a todos. Certo amigo meu, omem mui douto, me diſe um dia deſtes, que um ſeu conhecido, avia pouco tempo tinha acabado um manufcrito, polo eſtilo que dizemos. Eu ainda o-nam-vi: mas formo tal conceito de quem mo-diſe, que julgo nam ſerá mau: ſe o puder conſeguir, nam deixarei de avizar a V. P.

Finalmente com isto acabo eſta carta, que ja me-parece longa: aindaque ſe olho para o que devia dizer, é curta. Tenho dito nela a V. P. o que me ocorreo ſobre uma materia, que averá baſtantes anos que deixei:

e consequentemente nam sei se terei satisfeito, a sua expetasm, sobre a Poezia Portugueza: da-qual como ja protestei, tenho pouca noticia. Mas V. P. que me obriga a falar, em todas as materias; deve estar preparado, para ouvir coizas boas, mediocres, e algumas mal ditas. E assim agradezame fomite a boa vontade, e promptidam com que obedeso, ao que me manda. Deus Guarde &c.





# CARTA OITAVA.

## SUMARIO.

**T**rata-se da-Filozofia. Mau metodo com que se-ensina, em Portugal. Advertencia das-outras Nacoes, em procurar a Ciencia. Necessidade da-istoria Filozofica, para se livrar de prejuizos. Ideia da-serie Filozofica. Danos, e impropriedades da-Logica vulgar. Da-se uma ideia, da-boa Logica.

**M**Eu amigo e senhor, Dirá V. P. que eu sou mui preguioso em responder, e conservar a correspondencia, com os amigos: mas se-soubese como eu tenho estado reconhecera, que nam falto, senam com justificada cauza. Eu sou filho da-obediencia; e esta me-ocupou bastantes dias: a isto se-seguiu, a minha costumada indisposiçam da-cabesa, que me-impedio ler coiza alguma. Tambem me-lembrou, que tinha remetido a V. P. um proporcionado livro, com o titulo de carta; e que nam lhe-faltava que ler. Agora livre de algum modo, de um e outro impedimento; pego na pena para continuar, o noso comercio literario.

Nas duas ultimas me-pede V. P. com instancia, que me-dilatem sobre a Logica, e que nam me-poupe, a uenhuma outra parte da-Filozofia. Eu nam sei, se poderei dignamente satisfazer, a curiosidade que V. P. mostra, nestas materias: porque finalmente á muito que dizer nelas; e muitas coizas, que nam am-de agradar: mas finalmente direi. Lembro-me, que na nosa ultima conversaçam me-dise V. P. que as escolas de Filozofia deste Reino, necessitavam ainda maior reforma, que as outras: porque o mau metodo das-escolas baixas, alguma coiza se-pode emendar com o tempo: porem unia vez que o estudante comesou a provar, o *ergo*, e *atqui*, e a brincar com eles, e excogitar sofismas, e metafizicas obscuras; de tal sorte se-ocupa, com aquele negocio, que nam é posivel por-lhe remedio: de que nasce, a confuzam na Medicina, Teologia, e mais Ciencias. Como V. P. reconhece deantemam esta verdade, me-animo a dizer-lhe sinceramente, o meu parecer.

Eu verdadeiramente nam sei, se as-escolas de Filozofia deste Reino, tem pior metodo, que as escolas baixas: sobre isto avia muito que dizer: o que sei porem é, que nestes paizes nam se-sabe, de que cor seja isto, a que chamam boa Filozofia. Este vocabulo, ou por-ele intendamos

*ciencia*, ou com rigor gramatico, *amor da-ciencia*; é vocabulo bem Grego nestes paizes. Verá V. P. que se-dá este nome, a coizas bem galantes: Universais, Sinais, Proemiais, e outras coizas destas. Os pobres rapazes passam os seus trez e quatro anos, lendo arengas mui compridas: e saiem dali, sem saberem o que lèram, nem o com que se divertiram. Falo do-estilo das-Universidades: porque o das-outras escolas é o mesmo, quanto à materia; e ainda pouco diferente, quanto à dispozisam.

No primeiro ano se-pasa com dois tratados, a que chamam *Universais*, e *Sinais*; cadaum dós-quais terá quando pouco, os seus 20. cadernos, de duas folhas: e ja vi mestre, que ditou 40. cadernos, fomento de *Universais*. No-segundo ano acabam-se os *Sinais*: e parte do-ano fala-se muito, em *Materia Primeira*, e *Cauzas*: ao que chamam *Fizica*. No-terceiro ano estudam-se *Intelesoens*, *Noticias*, *Topicos*, e algumas questoes de *Metafizica*, digo do-Ente em comum: e com estas quatro, e as duas do-primeiro ano, se-faz o Bacharel. No-quarto explica-se um tratado, a que chamam *Gerasam e Corrusam*: e avendo tempo, outro a que chamam de *Anima in communi*. Deipois fazem concluzoens, nas ditas materias, ou semelhantes: que é um ato em que muitas vezes succede, que o defendente nam tem, argumento algum. Segue-se o Licenciado, que é um exame sobre as 6. materias do-Bacharel, com mais outras que apontamos: e temos o omem graduado, Filozofó.

Se isto pode ser bom metodo; se tais materias podem formar, um bom Filozofó; eu o-deixo considerar, aos pios leitores. Progunte-lhe V. P. aqueles *Universais*, e *Sinais*, de que coiza iervem, quando se acaba a *Filozofia*. Diga-lhe que lhe-apontem, em que parte da-*Teologia* sam necessarios: que dogma se-explica com tal doutrina: fasa-lhe outras proguntas destas, e verá que limpamente lhe-confesam, que tudo aquilo morre com a escola. Se repetir a progunta em outras materias, concluirá o mesmo. E eis aqui tem V. P. o que significa *Filozofia*, nestes paizes.

Mas isto seria nada: o melhor da-festa está, na satisfasam com que ficam, de ter estudado tudo aquilo. Se alguem lhe contradiz um ponto; se alguem quer tomar o trabalho de lhe-mostrar, que nada daquilo vale um fio; ou que *Aristoteles* nam falou naquele sentido; ou que a *Filozofia* se-deve tratar de outra maneira; e que assim a-tratam naqueles paizes, que dam leis ao mundo, em materia de erudisam; e ainda em Roma, nas barbas do-Papa &c. acabou-se tudo, e vem o mundo abaixo com gritarias. A tal propozisam é uma erezia, contraria diametralmente à *Escritura*, e às definiçoens dos-Concilios, e *Padres*; e ao costume da-Igreja *Catolica*; que canonizou as obras de *Aristoteles*, e tambem a doutrina dos-*Arabes*. *Galilei*, *Descartes*, *Gazendo*, *Newton*, e outros destes que a-nam-seguiram, cheiram a *Ateistas*; ou polo menos estam um palmo distantes, do-erro. Estas *Filozofias* só reinam, em paizes de *Erejes*. Os estrangei-

geiros que defendem isto, são quatro bebados, que impugnam o que não entendem, e não entendem o que proferem. Isto, e outras coisas semelhantes, tenho eu ouvido algumas vezes.

Proguntava eu em certa ocasião a um mestre, que me parecia bom homem; e cujo defeito cuida que era, não malícia, mas ignorância: Tem V. P. lido nos originaes, a doutrina de Descartes, Galilei, Gazendo, Newton? tem examinado fundamentalmente, os que explicaram melhor, a doutrina do primeiro; como o P. Malebranche, o Baile, o Regis, o Le Grand: ou os que expuzeram a de Gazendo, como o Saguens, Maignan &c.? diz, Não senhor. Observou, continuei, pelo menos as objecções, que o P. Genari Dominicano propoz ao Saguens, e Monsieur Arnaldo ao P. de Malebranche em outro sentido; com as respostas destes ultimos? diz, Não menos. Muito bem: pois diga-me, entende V. P. na sua consciência, que pode ser juiz nesta materia, sem ter examinado, as razões de ambas as partes: e muito mais formar uma censura tão rigorosa, como é condemnar a religião, dos que seguem esta Filosofia? Respondeo o homem: Na verdade eu não sou informado, da materia: mas tenho ouvido dizer muito mal dela, a outros mestres, de quem eu formo conceito. Maravilhosamente: mas diga-me, continuava eu, tem V. P. certeza, que elles tais examinassem o que digo; ou, ainda que o examinassem, que julgassem sem paixão, e fossem capazes de decidir o ponto: porque sem isto deve-me conceder, que nada provam? Diz, Elles alegavam certas palavras, de que eu inferi, que os tinham visto. Mas, proseguia o dialogo, poderá V. P. mostrar-me, que dogma se destrue, com esta nova doutrina? Os accidentes Eucaristicos, e todo o sistema da Graça. Muito bem: visto isto temos, que as *formas accidentais* no sentido de Aristoteles, são de fé? diz, sem duvida. Visto isto, ou na Escritura, ou por tradição não interrompida, digo, pelo consenso de todos os Padres, definitivos de Concilios, ou Igreja Romana, estará determinado isto: porque eu não reconheço outros principios, para fundar proposições de fé. Mas atrever-seá V. P. a mostrar-me, eia declararem? Declaro, que eu também sou catolico Romano, e creio que na Eucaristia está Cristo debaixo dos accidentes de pão, e vinho: o que digo é, que os tais accidentes não são formas, no sentido peripatetico: e disto é que peso, eia declararem de fé. Concluiu ele dizendo: Isto não posso eu fazer, porque não tenho visto a materia. Bem, respondi eu, pois pesa V. P. a um dos seus amigos, que lhe descubra eia revelarem, ou decreto; e então falaremos sobre o particular: porque agora tem positivo impedimento.

Este dialogo podia-se repetir, com mais alguns acrescimos; e executar-se com algumas pessoas, que ousa falar nestas materias, com tanta satisfação; como se soubessem o que dizem, e entendessem a materia, de que falam. Eu tive alguns ratos de divertimento, conversando com al-

guns destes mestres. Eles confundem, todos os autores modernos; e sem mais exame os-acuzam, dos-mesmos erros: e com estranha dialetica os-condenam, de ignorancia. Como se um homem doutissimo, nam pudese uma vez, dizer um despropozito! Os que tem erudifam exquisita, sabem que no-mundo ouve um Descartes: e algum deles, mais raro que mosca branca, leo alguma coiza, dos-*Principios*, ou *Meditaçoens Metafisicas*. E aqui é ella: sobe à cadeira, e vomita mais decizoens, contra o pobre Descartes; doque elle nam dise palavras: E sem examinar, se elle é seguido em tudo, intende que tudo o que Descartes dise, foi, e é recebido, com a mesma venerafam; e sam todos obrigados, a segui-lo. Em certa jornada que eu fiz, encontrrei em uma estalagem um Religiozo \*\* que tivera a felicidade, de ler Descartes: o qual, conhecendo que eu era Estrangeiro, introu logo na materia: e todo o tempo que durou a ceia, empregou elle em provar, que, segundo os principios do-tal Filozofa, a Eucaristia estava fomite, nos nosos olhos. Veja V. P. como este intendia bem a doutrina dos-Cartezianos! Mas eu que vinha cansado do-caminho, e com fome; para abreviar a disputa concedi tudo, e meti-me na cama. Nam acho melhor modo de responder; a esta sorte de gente.

Eu certamente nam sou Carteziano, porque me-persuado, que o tal sistema em muitas coizas, é mais ingenhozo, que verdadeiro: mas confeso a V. P. que nam polo falar no-tal Filozofa, sem grandissima venerafam. Este grande homem, na Matematica foi insigne, e inventou algumas coizas, até ali ignoradas; e promoveo outras com felicidade. Em materia de Filozofia, acho que foi inventor, de um sistema novo. Isto nam parece nada, aos ignorantes: mas aos homens que intendem, qual é a difficuldade de inventar, e inventar com tanta propriiedade; que ainda despois de descobertas as machinas, grande parte das-experiencias esteja da-sua parte; é final de um ingenho elevadissimo, e de grande criterio. Alem diso elle foi o primeiro, que abriu a porta, à reforma dos-estudos: pois aindaque Bacon de Verulamio, e Galileo Galilei, tivessem indicado o metodo, de fazer progressos na Fizica; e alguns outros os-fossem imitando; é certo porrem, que Descartes foi o primeiro, que fez um sistema, ou inventou ipotezes; para explicar todos os fenomenos naturais: e por-este principio, abriu a porta aos outros, para a reforma das-Ciencias. E aindaque em tudo nam acertasse; é tambem certo, que se elle nam fosse o primeiro, os outros nam teriam cuidado, de emendar os seus erros, e de adiantar os estudos, como estam oje.

Onde com todos estes principios, nam posso soffrer, que homens totalmente ignorantes da-materia; e que nam sabem de Descartes mais, que o nome; e aindaque o-leiam, nam tem olhos para o-intender: ainda assim tam indignamente o-tratem; e injuriem um homem, de quem elles  
nam

nam feriam capazes, de serem amanuenses. Se estes censores tivessem lido, a historia das-Ciencias, e do-restablecimento delas, desde o Concilio de Trento a esta parte; formariam diverso conceito destas coizas: e nam vomitariam tantos improperios, contra os modernos Filozofos: como eu vejo todos os dias, em varios autores, que podendo mostrar, o seu merecimento; o-perdem todo, quando entram a falar nestas materias, com tanta segurança, como os que as-tem bem estudado. Dizem mil falsidades, que nunca succedèram: fingem defnisoens, que nunca se-fonhãram: confundem a doutrina revelada, com as opinioens da-Escola: e querem que os SS. PP. aprovassem profeticamente, a escolastica; que se-inventou alguns seculos, despois d' eles mortos. Esta é a celebre cantilena destes mestres, principalmente deste Reino: A qual provem, da-grande ignorancia em que se-vive, da-Istoria antiga, e moderna, e dos-estilos dos-outros paizes: do-pouco conhecimento que tem, de livros: e finalmente de quererem ser mestres, em uma materia, em que ainda nam foram discipulos.

Sei, que a maior parte dos-Omens, vive mui satisfeita, dos-estilos, e singularidades do-seu paiz: mas nam sei, se á quem requinte este prejuizo com tanto excessõ, como os Espanhoes, e Portuguezes. Observo, que os Francezes, Inglezes, Olandezes, que nam iam dos-que tem pior opiniam, e com razam, de si; aproveitam-se com todo o cuidado, dos-excesos que lhe-levam, as outras Naloes. Os Francezes; mandam muita gente a Roma, para se-aperfeisoarem na Architectura, Escultura, Pintura; e em tudo o que pertence, ás antiguidades Romanas. Sabem que estas artes, se-conservaram sempre em Rõma, com distinctam: reconhecem, que os Romanos posuem o melhor, que neste genero nos-deixou a Antiguidade; e pode fugir à barbaridade, dos-incendios de Roma: e aum mandam lá os omens nosos e inteligentes, para beberem o bom gosto, da-Antiguidade. Muitos Senhores Inglezes, Olandezes, Francezes, Alemães, que correm o mundo, para formarem os costumes; demoram-se tempo bastante em Roma, e nas principais Cidades de Italia; para observarem escrupulozamente, todas as antiguidades Romanas: e verem com os seus olhos aquilo, de que estam cheios os livros. Eu acompanhei alguns deles, que faziam estas observaçoens; e os-achei sumamente instruidos, nas antiguidades Gregas, e Romanas: e com dezejo exorbitante, de verem com os seus olhos, e aprenderem o que nam sabiam: e faziam gloria de estudar, o que ignoravam. Polo contrario vejo, que os nosos Italianos se-aproveitam bem, das-belas edisões de livros, e outra erudisam exquisita, que se-acha nos-livros, destas nacoes Ultramontanas: e que ainda em materias de Ciencias, se-regulam polo metodo, das-Universidades de Sorbona &c. das-Academias Regias de Londres, Pariz, S. Pietroburgo, &c. por-conhecerem, que ali se-exercitam melhor; e dali saiem as melhores obras.

Isto é verdadeiramente conhecer , o merecimento de cada coiza. Mas observeo tambem , que este metodo é ignorado nas Espanhas , e mui principalmente em Portugal: onde vejo desprezar , todos os estudos Estrangeiros , e com tal empenho ; como se fossem maos costumes , ou coizas muito nocivas. Lembro-me a este intento , da-istoria do-Espanhol de Amsterdam. Nela viviam em uma estalagem, um Espanhol , e um Cavalheiro Florentino. Retirando-se este um dia a caza , perguntou ao Espanhol , que lhe-parecia Amsterdam : a belissima dispozitam da-Cidade no-material , e formal : a liberdade do-trato , contida dentro dos-limites do-justo : em fim ia-lhe repetindo uma por-uma , todas as singularidades de Amsterdam ; e sobre cada uma lhe-perguntava , o que lhe-parecia. Mas o Espanhol , abanando a cabeça , nam respondia palavra. Até que o Florentino enfadado lhe-dize : Valhame Deus , só vosé a-de ser singular neste muudo , nos-seus gostos ; e só a um Espanhol nam á-de agradar , uma Cidade como Amsterdam , e que todos tem tanto que admirar? A isto respondeo o Espanhol mui laconico : *Vaya , para pintada*. Esta mesma resposta , com pouca differença , me-tem dado alguns , em outras materias. Quando se-vem obrigados com exemplos a reconhecer , que os Estrangeiros lhe-levam , consideravel excessos ; respondem rindo , que assim é : mas que fomento é , em coizas inutilissimas.

Isto suposto acho , que o melhor modo de dezinganar esta gente ; e mostrar-lhe os seus prejuizos ; é , por-lhe diante dos-olhos , uma breve istoria , da-materia que tratam : e persuado-me , que este é o mais necessario prolegomeno , em todas as Ciencias. Creia V. P. que com esta noticia , poupa-se muito trabalho , e muito estudo : adianta-se um omem muito , na intelligencia da-materia : e só assim fica capaz , de ouvir o que deve , e dezinganar-se por-simeismo. Assimque intendo , que por-esta istoria se-deve comesar. Nam digo , que o estudante deva saber , as opinioens de todas as setas de Filozofia ; mas ao menos quando comesáram : quais foram as mais famozas ; em que coiza comumente se-distinguiam : e como se-continuáram.

A Filozofia é o conhecimento das-coizas , que á neste mundo ; e das-nossas mesmas afoens , e modo de as-regular , para conseguir o seu fim. Em todos os Povos do-mundo , e em todos os tempos achamos omens , que mais ou menos se-aplicáram , a estas coizas. Mas o noso estudante nam é necessario , que suba tam alto : basta que conheça , os Filozofos da-Grecia. Toda a Filozofia Grega se-dividio ao principio , em duas setas ; de que nacéram todas as outras : estas duas sam a *Jonica* , e *Italica*. A Jonica fundou Thales Milezio , um dos-sete Sabios da-Grecia ; o qual , como diz Diogenes Laercio , naceo 640. anos antes de Cristo. Foi grande Astronomo , Geometra , Filozofo , e escreveu muito de Fizica. Teve varios discipulos , que se-enfináram sucessivamente : Anaximandro , Anaximenes , Ana-

xagoras , Archelao , e Socrates. Este Socrates foi aquele grande homem , que encheo de admiracao a Antiguidade : e alguns dos-nossos SS. PP. se empregaram , na sua defeza. Socrates teve muitos dicipulos , que fundaram escolas separadas. Aristipo fundou a escola *Cirenaica* , Phedo a *Eliaica* , Euclides a *Megarica* , Antistenes a *Cinica* : da-qual naceo a *Estoica* , que foi famosa : porque Menedemo ultimo professor da-Cinica , foi mestre de Zenam , que fundou a Estoica. Damesma escola de Socrates tendo saido Platam , fundou a *Academica*. Cadauma destas escolas se-diversificava nas opinioens : o que é necessario , que o estudante advirta.

Platam foi o mais insigne dicipulo , de Socrates : naceo 428. anos antes de Cristo : e foi o primeiro que compreendeo , as trez partes da-Filozofia. Na Fizica seguia os sentimentos , de Eraclito , que se-reputava o melhor Fizico : na Metafizica seguia em tudo , a Pitagoras : e no-Moral , e Politico seguia a doutrina , de Socrates ; poisque semente ao Moral , este se-aplicara. A escola de Platam se-dividio em duas , *Academica* , e *Peripatetica*. A primeira continuou os dogmas de Platam : donde vem , que Platonicos , e Academicos significam a mesma coiza. Nela succedeo a Platam , seu sobrinho Speusippo : a este Xenocrates , Polemon , Crantor , e Crates. A Crates succedeo Archefilao dicipulo de Crantor , e tambem de outro Filozofa chamado Pyrrho: do qual Pyrrho aprendeo, um novo metodo de filozofar ; com o qual fundou a *Academia Media* , que durou até Carneades. Este ultimo , fazendo nela alguma reforma , instituiu a *Academia Nova* ; que durou até Antioco : que foi o ultimo dos-Academicos , e foi mestre de Marco Tullio Cicero. A *Peripatetica* fundou Aristoteles , dicipulo de Platam. Diz Cicero , que semente se-diversificava da-Platonica , nas vozes ; mas nam nos-sentimentos e opinioens. Dava Aristoteles as suas licoens , no-Liceo : e continuou a escola nos-seus sucesores , até Diodoro ; que se conta por-ultimo Peripatetico : desorteque ja nos tempos de Cicero , esta escola se-achava mui descaida.

A outra seta de Filozofia , a que chamam *Italica* , foi fundada por-Pitagoras , naquela parte de Italia , a que chamaram *Magna Grecia*. Este Pitagoras florescia 564. anos antes de Cristo : e depois de longuissimas perigrinaçoens , para aprender ; se-estableceo em Crotona Cidade de-Calabria: e ensinou com grande aplauzo , a Filozofia. Esta seta foi famosissima , pola frequencia dos-ouvintes , e pola sua duracao. Dela naceram varias : a *Eleatica* , que uns atribuem a Xenocrates , outros a Democrito. Anaxarcho ultimo dos-Filozofos Eleaticos , foi mestre de Pyrrho , que fundou a seta *Pyrrhonica* , ou *Sceptica*. Tambem da-*Eleatica* saio a *Epicureia* , umas das-mais celebres setas da-Antiguidade ; e talvez a que durou mais : pois no-segundo seculo da-Igreja , ainda estava em flor. Estes sam os diversos ramos , da-seta *Italica*. Tambem um seculo depois de Cristo comeseou outra , a que chamaram *Eclética* , a qual teve bastantes dicipulos. O seu principal instituto

era, nam jurar nos-dogmas de nenhuma seta: mas tirar de todas, o que parecia melhor. De alguns destes ainda temos as obras: o ultimo foi Damascio. Esta seta agradou muito aos Padres, dos-primeiros seculos da-Igreja; porque parecia a mais racionavel.

Estas sam as diferentes setas, da-antiga Filozofia. Destas a Academica, Estoica, Pyrrhonica, e Peripatetica, duraram na Grecia com pouca differença, até o tempo de Augusto, quero dizer, até Cristo. Nos-ultimos dois seculos da Republica Romana achamos, que os Romanos começaram a estudar, a Filozofia. Nam que eles fundarem setas, como os Gregos; mas sam estudar à Grecia: ou serviam-se em Roma dos-Gregos, que vinham à Italia: e seguiam quem uma, quem outra seta de Filozofia Grega. Pola maior parte eram Academicos, e Estoicos: alguns foram Epicureos: rarissimo Peripatetico. Os livros de Aristoteles, que ele deixara a Theophrasto seu dicipulo, este os-deixou a Neleo: os erdeiros do-qual, para os roubar à curiozidade d'ElRei de Pergamo, de quem eram suditos; o qual procurava livros, para a sua Biblioteca; os-enterraram: d'onde foram casualmente tirados, polos seus decendentes; que os-venderam a Apellico Atiniez, quazi todos comidos da-umidade. Onde, para se-copiarem, foi necessario encher, todos os vazios da-corrusam: com o que sensivelmente se-alteraram, as opinioens. Depois da-morte de Apellico, Silla Ditador Romano os-transportou de Atenas, para Roma; e se-entregaram a Tiraño, para os-emendar, e dispor em melhor ordem. E tendo-se feito muitas copias, sem as-conferir com os originaes; foi pior o suceço em Roma, que nam tinha sido em Atenas. Começou entam a ser conhecido melhor, este Filozofa: e os Romanos começaram a fazer uzo, principalmente das-suas doutrinas politicas. Entre os Filozofos Romanos singularizou-se Cicero: ouveram tambem alguns outros, de que ainda temos as obras. Até que finalmente, com a ruina do-Imperio no-Occidente, se-arruinou tambem, a noticia das-Ciencias.

Nos-principios do-VIII. seculo de Cristo, os Principes Arabes dicipulos de Mahomet, os quais usurpáram grande parte da-Africa, Azia, Grecia, Espanha, e Sizilia; nas invazoens que fizeram, nas Cidades da-Grecia, entre os roubos com que se-recolheram, foram alguns dos-livros dos-seus autores. E agradando se destes estudos, fizeram em modo, que Almanon Califo ou Imperador Saraceno, no-ano 820. mandou pedir ao Imperador de Constantinopoli, aonde as Ciencias ainda se-conservavam; os melhores livros Gregos: os quais se-mandaram traduzir em Arabio. Nam sendo o genio dos-Arabes inclinado a Poetas, Historicos, e Oradores; tomente se-aplicaram aos Filozofos, e Matematicos: e entre eles escolheram trez, que foram, Aristoteles, Ipoocrates, e Galeno. Aplicaram-se a estas Ciencias; e principalmente a Chimica, Magia, Geometria, Algebra, e Fizica. Fundaram Universidades em Tuniz, Tripoli, Fez, Marrocos, e algumas partes

tes da Espanha: d'onde saíram alguns omens insignes, para aquele tempo: Entre os quais se-singularizou Averroes: o qual na Universidade de Cordova, fez o seu grande comento, sobre Aristoteles, no-meio do-seculo duodecimo.

Neste meio tempo a fama de Aristoteles, que estava tam bem esblecida, entre os Arabes; comefou a divulgar-se, entre os Cristaons. A communicafam que os Napolitanos tinham, com os Sizilianos, lhe-deu noticia dos-estudos, estabelecidos entre os Arabes da-Sizilia. Tambem a vizinhança da-França com a Espanha, abriu a communicafam aos estudos: e se-cre, que por-este meio pasáram a França, os livros de Aristoteles; e intráram na Universidade de Pariz. Já lá sabiam, que avia Dialetica, e a-estudavam: mas da-Fizica Aristotelica, nada sabiam. Finalmente ou para poderem disputar com os Judeos, e Mahometanos, como fundadamente suspeita Monsieur de Fleury; ou por-outra razam que nam se-sabe; os Teologos receberam benignamente Aristoteles, e pouco a pouco o-introduziram, na Teologia. Os primeiros foram introduzindo as Dialeticas, como Abellardo, Roberto Pullo, Pedro Poitiers, e alguns outros no-duodecimo seculo. Daqui pasáram a introduzir, as doutrinas Fizicas: o que sucedeo, no-seculo decimo-terceiro. Os primeiros foram Alberto Magno, Alexandre de Ales: despois Tomaz de Aquino, e alguns mais. Despois de S. Tomaz veio Escoto, que fundou escola separada: e despois deste, seu dicipulo Okam tambem Franciscano, fundador da-seta dos-Nominais. Demodoque despois do-seculo XIV. a Filozofia se-dividia em trez setas, Tomistas, Escotistas, e Okamistas: as quais com algumas mudanças duráram, até o Concilio de Trento, celebrado no-meio do-seculo XVI.

Nam falo no-metodo de Raimundo Lullo de Maiorca, porque pela sua oscuridade, nam teve sequazes: excetuando alguns Maiorquinos, mais loucos que ele. No-ano 1565. Bernardo Telefio de Cosenza em Italia, publicou a sua Filozofia, que teve alguns sequazes. Pouco despois Jordano Bruno Dominicano, publicou muitos livros, em que, entre algumas coizas boas, dise muita estravagancia; sobre o Universo infinito, e diversos mundos. Despois deste, Tomaz Campanela, tambem Dominicano Calabrez, publicou algumas obras de Filozofia, quazi segundo os principios do Telefio.

Neste mesmo seculo XVI. do-meio para diante, quero dizer, pelos tempos do-Concilio de Trento, comefou a estabelecer-se o sistema Fizico-celeste, de Nicolao Copernico: que refucitando a opiniam de Filolao, e Eraclides Pontico, sobre o movimento da-terra arredor do-Sol; teve muitos sequazes, que atentáram, ser um sistema preferivel aos outros. No-fim do-seculo XVI. saio à luz o sistema de Tico Brahe, que tambem teve sequazes. Mas ninguem mais deo tanta luz à Fizica, quanta Francisco Bacon de Verulamio Chanceler mór de Inglaterra: o qual no-fim do-mesmo

seculo, e principio do-seguinte, apontou o verdadeiro metodo de adiantar a Fizica, em belissimas obras que a este intento nos-deixou; principalmente de *Augmentis Scientiarum*, e de *Novo Organo*. Eu considero as especculaçoens deste grande omem, como a mais famoza epoca, da-verdadeira Filozofia: porque observe de entam para diante, uma total mudançã, e adiantamento sempre para o melhor, morreo polos anos 1636. de anos 66.

No-mesmo tempo de Bacon, no fim do-XVI. e principios do-XVII. floreceo o insigne Galileo Galilei Florentino; que seguindo os ditames de Bacon, uzou da-Matematica, para explicar a Fizica: e aumentou sensivelmente a *Mecanica*: a qual desde Archimedes até o seu tempo, quasi nada se-tinha adiantado. Ele descobrio muitas leis, do-movimento dos-corpos, tanto solidos, como fluidos; e tambem da-Gravidade, e da-Luz, e do-Som &c. desorteque pode-se dizer, que ele foi o que comefou a servir-se, da-boua Fizica. morreo em 1642. de anos 78. Comefado o seculo XVII. floreceram Descartes, e Gazendo: que dando um passo mais adiante, descobriam mais terra, e comesaram a abrir os olhos ao mundo. Ja se-fabe as disputas, que os Peripateticos tiveram, com estes novos Filozofos; e as injurias, que contra eles vomitaram. Desde o fim do-Concilio de Trento, em que os melhores Teologos tinham aberto os olhos, sobre a Teologia; e comefado a intender, que nam se-devia misturar com ela, a Peripatetica; tinha esta descaido muito: mas nam tanto, que muitos Regulares nam intendesem, que devia ser a mimoza entre as mais. De que uacia, que com todo o empenho a-defendiam: porque, a falar verdade, nam intendiam mais, nem tinham outras noticias. Mas despois que se-viram atacados, por-estes modernos Filozofos; os quais nos-principios deste seculo conspiraram todos, para abrir os olhos, ao mundo Literario; nam querendo os velhos, perder as suas conquistas, fizeram um espalhafato orrendo: e o menos que disseram foi, que se-tinha levantado uma nova perseguissam, na Igreja Catolica; com a publicassam destas Filozofias. Mas como isto eram balas de lan, e palavras sem fundamento, nem verosimilidade; nam faziam brecha. Polo contrario os Modernos despediam, constantes experiencias, que eram balas eficazes. Em modo tal que a dita Filozofia foi-se continuando, e com forsa: e só os Regulares, e nem todos, seguiam a Peripatetica.

A introduçam das-Academias Experimentais, deu novo esforço, a esta Filozofia. Despois da-morte de Cartezio no-ano 1640., e a de Gazendo no-de 1655.; tinham comefado as ditas Filozofias, a aquistar credito: mas ainda com algum medo; pois nam tinham toda a necessaria protesam, que tiveram pouco despois. Nam foi senam despois, que se-abrio, a Academia de Londres no-ano 1662. ou 63. e a de Pariz no-1666., que as Ciencias naturais se-continuaram, com empenho: assistindo-lhe os Reis, com o dinheiro, e protesam. Dilatou-se ainda mais este costume, porque o Imperador

rador Leopoldo no-ano 1670. movido do-bom sucesso das-duas Academias; fundou tambem, ou melhor direi, protegeo uma Academia ja comecada, com o nome de *Academia dos-Curiosos da-Natureza*. El-Rei de Prusia em 1700. fundou tambem a sua Academia experimental. Os noios Italianos fizeram o mesmo. O Conde de Marsili em 1712. instituiu uma em Bolonha, que tambem é famosa: em Padua, e outras partes abriram-se outras. Em 1725. a Imperatriz Catarina abriu em S. Petroburgo em Molcovia, outra famosa: deixando por-agora outras muitas, que se-abriram em diferentes partes da-Europa.

Esta dilataçam de estudos naturais chamou a si, todos os melhores Filozofos, principalmente os Seculares. Tambem alguns Regulares, nos fins do-pasado seculo, comecaram a deixar, as sutilezas de Aristoteles. Porém neste XVIII. seculo infinitos se-tem declarado, contra o antigo estylo; e enfim publicamente, a Filozofia moderna. Em Italia, e ainda em Roma, por-toda a Franca, Alemanha &c. se tem divulgado este metodo: e os mesmos Regulares, que ao principio o-tinham proibido, nam tem oje difficuldade alguma, em defendelo. Verdade é, que algumas Religioens ainda o-nam-approvaram: mas tambem é certo, que muitos leitores delas sam declaradamente, Filozofos modernos. Os doutissimos Dominicanos, e Jezuitas, que pareciam os mais empenhados, polo antigo metodo; comecaram a admitir, a nova Filozofia: nam só em Franca, mas ainda em Italia. E eu sei de certo, que em algumas partes de Italia os Jezuitas, vendo que nas suas escolas, e collegios, faltavam consideravelmente os estudantes, que concorriam a outros estudos publicos; se-viram obrigados, a reformar o antigo metodo, e introduzir os estudos novos. Tam persuadidos estam todos oje, que o antigo metodo nam serve, para coiza alguma.

Esta, em poucas palavras, é a serie da-Filozofia: na qual se-comprende mui bem, com quam pouca razam estes mestres de Portugal, condenem uma coiza, que está tam bem introduzida: e nam entre Erejes, como eles dizem, mas entre Catholicos mui pios e doutos. E tambem se-conhece, com quam pouca razam queiram persuadir-nos, que os SS. PP. aprovaram, a doutrina de Aristoteles: pois nam sendo ela, ou polo menos esta que passa, com o nome de Aristoteles; conhecida antes do-seculo XIII. é bem claro, que os PP. nam podiam aprovar uma coiza, que nam conheciam, nem intendiam, que naceria no-mundo. Seguro a V. P. que se estes mestres, que oje exaltam tanto Aristoteles, conhecessem os PP. nam polo sobredito, mas por-dentro; e tivessem bem examinado as suas obras; ficariam envergonhados, da-sua grande ignorancia, e talvez temeridade: pois veriam nos-escritos dos-Padres, que nada mais encomendam, que deitar fóra das-escolas Aristoteles: evitar todos os sofismas da-Dialetica: e propor as suas razoes, com a maior clareza posivel. Aprovavam na verdade, a boa Dialetica; mas despida totalmente de arengas. E nesta paz se-continua

nuou, até o undecimo seculo: no qual, como acima digo, introduziram nas escolas, estas embrulhadas. Desorteque a examinar bem o negocio, Aristoteles é mui moderno, nas escolas Catholicas: e ainda nelas nam durou, senam até o Concilio de Trento: pois de entam para cá pouco a pouco se-abriram os olhos ao mundo: e oje todos os-tem mui bem abertos.

Intendido isto muito bem, com o que se-poupan mil respostas, e embarafos a cada momento; deve o estudante passar, para a Filozofia. Mas é necessario, que primero intenda, que coiza ela é; para nam se-embrulhar, com as comastudas confuzoens da-Escola. Eu supponho que a Filozofia é, *Conhecer as coizas pelas suas causas*: ou conhecer, a verdadeira cauza das-coizas. Esta definifam recebem os mesmos Peripateticos, aindaque eles a-explicam, com palavras mais oscuras: mas chamem-lhe como quizerem, vem a significar o mesmo. v. g. Saber qual é a verdadeira cauza, que faz subir a agua na siringa, é Filozofia: conhecer a verdadeira cauza, porque a polvora aceza em uma mina, despedafa um grande penhasco, é Filozofia: outras coizas a esta semelhantes, em que pode iutrar, a verdadeira noticia das-cauzas das-coizas, sam Filozofia.

Mas como no-conhecer as causas das-coizas, principalmente naturais, pode aver ingano; e muitas vezes nos-inganemos, tomando uma coiza por-outra: alem disto como nos-mesmos discursos, com que nos-querem persuadir alguma coiza, succeda frequentemente ingano, cuberto com apparencia de verosimilidade; ao que chamam *Sofisma*, ou *Paralogismo*: daqui vem, que cuidaram os omens, em fugir estes inganos, e descobrir o vicio do-discurso, paraque nam caifemos nele. Isto primeiro comefou, sem arte alguma: mas casualmente um omem descobrio um erro, outro descobrio outro, e assim os mais. Alguns dos-quais, fazendo uma colesam destas observafoens, fizeram tratados, em que se-pudese aprender o modo de nam se-inganar. A isto chamaram Logica ou Dialetica: que é muito mais antiga que Aristoteles: mas ele foi o que a-compileu com melhor metodo, a respeito do-seu tempo: aindaque muito imperfeita, se olhamos para o nofo. Quem fofo o autor desta colesam, notará o estudante, quando ler a istorya da-Filozofia. Os Antigos dizem, que foi Zenam Eleates, que a-ensinou a Socrates: este a Platam, do-qual a recebeo Aritoteles. Mas esta Logica Socratica, era por-outro estilo, e convencia com proguntas. Platam era um pouco mais dogmatico. Comumente se-cre, que Speusippo, e Aristoteles, ambos dicipulos de Platam, guiados polos discursos dele, fizefem no-mesmo tempo, e cada um parafi, esta nova colesam, e acrecentafem muita coiza sua: os Estoicos com o tempo, acrecentaram muitas mais. Seja como for, o cazo é, que os Antigos reconhecèram, que para conhecer, e discorrer seu ingano, sobre as causas de todas as-coizas; é necessario observar algumas regras, a que quizeram chamar, *Logica*. Desorteque esta chamada *Logica*, nenhuma outra coiza é mais, que um metodo, e regra, que

que nos-ensina a julgar bem, e discorrer acertadamente. Assimque estabelecido este importante ponto, fica claro, que se-deve abraçar aquella Logica, que conduz a este fim: e fugir qualquer outra, que nos-desvia dele.

Tendo percebido este ponto, nam pode aver duvida, sobre o caso que devemos fazer, desta chama Logica dos-Escolasticos: basta examinar, se o que se-ensina com este nome, é util, ou prejudicial, para julgar, e discorrer bem. Porque se-achamos, que nam conduz; saie por-legitima consequencia, que se-deve deixar, e estudar outra coiza mais util. Ora eu creio, que sem grande trabalho se-conhece, que esta Logica vulgar, nam dá nenhuma utilidade, antes cauza iuma confuzam. Os Proemias sam a coiza mais inutil do-mundo. Com a simplez explicaçam, do-que é Logica; sabe um estudante quanto basta, para intrar nela, e ser um grande Logico: toda a outra noticia util se-pode aprender, em uma advertencia, a que chamam *notando*. Que a Logica tenha por-objeto, os atos do-intendimento, ou as coizas, ou os modos de saber; nada serve para discorrer bem: o que importa é, ter boas regras, e sabêlas uzar bem.

Aqueles Universais, e Sinais sam coizas indignas de se-lerem: o menos que neles acho, é a inutilidade: o pior é o metodo: parecem a mesma confuzam: e de tal sorte embrulham a mente, de um pobre principiante, que nam é facil ao deSpois, intender bem coiza alguma. Em lugar de facilitarem a um rapaz, a inteligencia das-coizas; o-confundem com uma quantidade de sofismas, e sutilezas, tam fóra de propozito; que eu nam sei, como os mestres nam fazem escrupulo, de perderem tam inutilmente o tempo. Acrecento a isto, a inutilidade: pois para nenhuma parte das-Ciencias serve aquilo. O mais que se-tira dos-Sinais é saber, que as vozes servem, para declarar as ideias da-mente, e os afetos da-alma: e que mediante as vozes comunicamos aos outros, o que intendemos, e queremos. Que as vozes nam excitam nos-que ouvem, as ideias de quem as-profere, por-virtude alguma natural, que tenham para isto: mas porque assim o-determináram, os omens de uma Naçam. Sendo certo que as vozes, que em Portugal significam uma coiza, em outro Reino significam coiza diferente, ou nada significam. Esta é toda a noticia util, que se-tira dos-Sinais: e isto é coiza que se-aprende, em um quarto de ora: tudo o mais que dizem dos-siniais, sam arengas ridiculas, que espremidas na nam, nam deitam uma gota de doutrina. V. P. que perdeu bastante tempo, com estas arengas; faza-me a merce de me-mostrar, alguma questam util, entre tantas que no-tal tratado se-incluem: estou certo que, uzando da-sua costumada ingenuidade, me-dirá, que nam acha alguma. De que fica bem claro; que o tal tratado, é somente divertimento de omens ociozos. Nem me-faz forsa que o P.\*\*\* me-disése um dia, que os Sinais eram o *Apex Philosophia*: e o seu P. Collegial\*\*\* me-disése mui sezudamente, que os Sinais tinham seu uzo na Teologia: poisque na *Trindade* se-falava, em *priori signo* &c. nem um,  
nem

nem outro sabia o que dizia, como as suas respostas mostram: e ainda que fossem leitores de Filosofia, tinham necessidade, de a estudar outra vez.

Quanto aos Universais da-Escola, comque se-gasta tanto tempo, nam são melhores que os Sinais: todos são talhados, pela mesma medida. Passé V. P. ligeiramente com os olhos, por-aqueles tratados; e me-dira, o que acha em tantos cadernos. Ali disputa-se mui largamente, se se-dá *Universal a parte rei*, como eles lhe-chamam: se a Unidade de prezizam, e Aptidam sejam da-essência do-Universal: e outras coizas destas, que quando eu as-confidero, fico persuadido; que os que falam nisto, nam intendem isto mesmo que proferem. Que bulha nam se-faz, sobre a dividizam em cinco especies! que arengas, sobre cada especie em particular! que confuzoens, sobre as prezizoens! Ora eu tomára que me-disessem, o que se-tira de todo aquele negocio; e que noticia util para discorrer se-colhe, de todas aquelas confuzoens? Achei muitos, que, depois de alguns anos de Filosofia, e depois de terem defendido conclusoens publicas, e com grande acceitavam; nam sabiam, por-qual razam se-introduziram os Universais, na Logica. O que digo dos-Universais, deve-se aplicar aos Predicamentos; que que uns introduzem na Logica, outros na Metafizica: e sobre os quais se-disputa, com igual fervor.

Os omens mais advertidos entre os Peripateticos, reconhecem a verdade do-que digo, e sinceramente confessam, que se-deviam cortar, estas longuissimas disputas, que para nada servem. Peripatetico, e bem Peripatetico, era o Suares Granatense, o Barreto Portuguez &c. contudo fando-meu parecer: e o tal Barreto acrecenta (1), que o aumento que se-deo aos Sinais, é vicio dos-Portuguezes. Mas tornando aos Universais, de que falavamos, a unica razam que eles alegam, para introduzirem esta longa arenga de Universais, e Predicamentos; é, porque as propozisoens de que se-fazem os filogismos, constam de predicados universais. Digo pois, se aquilo nam tem mais serventia, que mostrar, que um nome pode ser *universal*, ou *particular* &c. de que serve aquella arenga sempiterna, que nam conduz para isto? Certamente que, seguindo os seus mesmos principios, tudo aquilo se podia reduzir, a meia folha de papel.

Nem cuide V. P. que eu reprove, toda a sorte de exame, das propozisoens universais, e particulares: confesso, que isto pode ter seu uzo, e tem utilidade: mas tambem confesso, que se-deve tratar de outra maneira, como em seu lugar direi. Somente condeno muito, o que dizem os Peripateticos; porque nem serve para o intento, que eles propoem; nem para outro algum: confunde as especies, e intendimento dos-rapazes: e é o mesmo a que nos chamamos, perder tempo sem interesse algum, e sem saber por-qual razam. Mas prosigamos o curso, da-Logica Peripatetica.

Aos Predicamentos, e Sinais, segue-se o enfadonho tratado de

*Enun-*

(1) *In Logica, de Signis disp. 1. in Proemio.*

*Enunciação*, ou Propozisam. Aqui fazem eles infinitas disputas, tam fóra de prepozito; que eu fico pasnado. Confundem a propozisam *verbal* com a *mental*, ou ato do-intendimento: ora disputam de uma, ora de outra: de sorte que nam se-pode saber, o que eles querem explicar. Sendo aquele um tratado, que se-deve explicar mui claramente, para intender os seguintes; eles o-fazem com tal negligencia, e confuzam, como quem nam cuidáse neste fim. O melhor que eu acho é, que em vez de proporem as coizas, em que todos convem; disputam tudo o que propoem: e a cada propozisam acrescentam, uma longa cadeia de argumentos; e às vezes tam embrulhados, que um omem adiantado teria trabalho, em lhe-responder. É como á-de o principiante, formar conceito das-coizas, e executar os ditames que le; se ele nada acha, em que todos convenham: mas em cada propozisam acha, quem o-contradiga? Isto é o mesmo, que se um carpinteiro tomáse um aprendiz, e em lugar de lhe-ensinar, como se-á-de servir dos-instrumentos; fizese longuissimos discursos, sobre a diversidade de instrumentos de Carpinteiro: contando-lhe miudamente, que a alguns nam agradam, aqueles instrumentos: que outros escrevem, que se-deviam fabricar do outra maneira: e todo o tempo pasáse com isto.

Este é o grande defeito que eu acho, nestas Logicas: nam buscarem aquelas coizas, em que todos convem, para as-explicar aos estudantes. nam acharem um metodo de ensinar Logica, comefando por-documentos claros, que todos intendam: fugindo todo o genero de disputas, que nam fervem para principiantes. Pois este devia ser, todo o seu cuidado: e quem nam pratica este metodo, nam quer ensinar Logica. Isto conhecerá V.P. melhor, olhando para as longas disputas, que eles aqui introduzem, sobre os atos verdadeiros, e falsos. Nam é crível, a confuzam com que aquilo se-tratã, nam é meños admiravel, a quantidade de coizas falsas, que ali se-supoem, como se fossem demonstraçoens mathematicas. Disputa-se com fervor, se o mesmo-ato do-intendimento, possa passar de verdadeiro, para falso: e outras coizas destas. Isto supoem manifestamente, que o dito ato dura algum tempo, na alma; porque se nam duráse, a questam seria de nada. Mas isto que eles supoem, é manifestamente falso. Basta olhar, para as muitas distraçoens involuntarias, que um omem tem; para conhecer, que a nosa alma está em continuo movimento de conhecimento: e que devemos dizer, que ella nam pára em algum juizo, ou ato. Ainda quando nos-parece, que sempre cuidamos na mesma coiza, creio eu que nam perziste, o mesmo ato: mas que a alma muitas, e muitas vezes considera, a mesma coiza: que é o mesmo que dizer, com atos diferentes. A razam disto nam me-parece obscura: pois vejo a violencia, que é necessario fazer ao entendimento, para o-fixar no-mesmo objeto: pois um minuto que nos-descuidamos, ja estamos em outro objeto. É ainda quando nos-parece, que consideramos um só, v. g. um painel; é certo que fazemos muitos atos: pois nam vemos só um ponto,

mas diferentes pontos, e partes do-melmo todo: o que se-faz, com diversos atos. Nam é crível, com quanta velocidade a alma conhece, e passa de um objeto para outro. Fazemos todos os-instantes nil alóens, que nam advertimos: e contudo é certo, que a alma as-conhece todas: mas falas com tal velocidade, que parece as-nam-conhece. Deste genero é o continuo movimento de pestanas, que nós fazemos; e a alma, por-obediencia da-qual se-faz, o-conhece: e contudo nenhum de nós adverte tal coiza. O que mostra bem, quam veloz é a nosa alma, em passar de um conhecimento para outro. E sendo isto tam claro, os-Peripateticos, sem fazerem cazo disto, introduzem as suas longas disertações, fundadas sobre um suposto falso. Demos-lhe, que seja materia duvidoza; sempre é coiza ridicula, propor como certa um fundamento, que tem tantas apparencias de falsidade: e occupar o tempo com isto, devendo ensinar outras coizas.

Mas, para abreviar este exame, passe V. P. comigo, ao tratado de *Priori resolutione*. Na primeira parte se-disputa eternamente, sobre os termos, e diversos modos, com que significam as coizas. Isto explicado bem com clareza, e brevidade, podia servir ao estudante de alguma coiza: mas isto é o que eles nam fazem: e todo o tempo passam em disputar, se o verbo *Est* pode ser termo; e outras galantarias destas. O que dizem das-Proposições, da-sua Conversão, das-Modais, é tam embrulhado, e tam inutil; que nam sei, que pior coiza se-possa dizer. Seguro a V. P. que ja achei Peripateticos, que ingenuamente me-confesaram, que a maior parte daquelas coizas eram inutis.

Mas sem grande trabalho, cuido que mostrarei a V. P. que tudo aquilo, que nestas escolas se-disputa, se-deve totalmente pôr de parte. apontarei uma unica razam, que comprehende o *Priori*, e *Posteriori*, da-Logica vulgar. Examine V. P. com toda a atensam, quanto se-disputa naquelas duas partes da-Logica, e fasa-me a merce de notar mui distintamente, algumas coizas. I. Se o que ali se-disputa, é materia intelligivel. Cuido, que a resposta será clara, se olhar-mos para o que succede nos-estudantes: pois é certo, que despois de muitas, e muitas explicações, comumente nam intendem, o que ali se-diz. Apelo, para o que cadaum experimenta em si, e para o que os mestres experimentam, nos-dicipulos. Sei polo contrario, que os meninos intendem muito bem as coizas, se lhas-explicam bem: e sabem dar razam do-seu dito. v. g. se disserem a um rapaz: *Aquele ramo que ves naquela porta, é sinal que ali se-vende vinho: porque em todas as partes em que se-vende vinho, se-costuma pôr aquele sinal; porque assim determinaram, os nosos antigos: estou certo, que á-de intender facilmente, o que lhe-dizem.* Ora fale-lhe V. P. por-estas palavras: *Aquele ramo é sinal ex instituto do-vinho: que se-constitue na razam de sinal, por-um respeito de dependencia do-ato da-vontade, que o-deputou para significar vinho: polo que se-distingue do-sinal natural, que se-constitue, por-um respeito de independencia:* Despois de

de toda esta arenga filozofica, o tal rapaz entenderá muito menos, o que lhe dizem, do que se lhe-falarem em Caldeo. De que vem, que ainda as coizas que se-deviam dizer, se-dizem de um modo tal, que nam se-intendem. Isto é quanto ao modo de se-explicar: pasemos à materia.

A 2. coiza que V. P. deve notar é, a serventia que tem aquelas regras, para discorrer sem ingano, em toda a materia. Traga V. P. à memoria, tudo o que tem estudado de *Priori*, e *Posteriori*, e tenha o sofrimento de considerar; se lhe-servem, ou nam, para intender, e discorrer bem em qualquer materia: ou para provar alguma coiza, que lhe-seja necessaria; nam só nos-atos publicos quando argumenta, ou defende; mas ainda no-seu bofete, quando compoem em alguma materia: ou ainda no-discurso familiar. Tenho tantas provas, da-sua candura de animo, que nam tenho receio que diga, ter experimentado utilidade. Mas eu nam quero por-agora, um juiz tam alumniado como V. P. contento-me que me-respondam os mesmos, que perdem os anos com estas arengas. Eu os-faço juizes nesta disputa: e lhe-deixo considerar, se, quando eles provam o que lhe-negam, ou discorrem familiarmente; o-fazem porque se-lembram das-regras; ou se o-fazem, porque assim se-costuma discorrer no-mundo: e a lisam que tem tido; lhe-fornisra os argumentos, e meios termos: e a natural penetrasam que cadaum tem, lhe-mostra, com a maior promptidam, a conexam das-partes? O que eu posso dizer neste particular é, que muitos Escolasticos, como ja apontei, me-diseram, que era inutil toda aquella machina de regras: e li alguns, damelma opiniam. O P. Arriaga no-prologo da-sua Filozofia diz claramente, que nam ditou muitas questoes de-fórma Silogistica, porque lhe-pareceram escuzadas: e que avendo vinte anos que era mestre; nunca vira, que pessoa alguma se-servile da-ponte dos-Asnos, para argumentar, ou responder. E quanto a esta parte da-Ponte dos-asnos, achará V. P. muitos, que dizem ser inutil.

Mas eu passo adiante com o discurso, e creio, que nem menos me-mostraram omem, que se-sirva das-Figuras, ou de alguma das-outras regras; quando quer provar alguma coiza seria. Conheço, que os que argumentam nesta materia, para mostrarem que a-tem estudado; ou os que nam querem argumentar com razoes, mas com palavrinhas, à maneira dos sofistas; poderam fazer algum uzo delas: o que digo é, que quando um omem quer provar, o que lhe-negam, nunca se-serve, de tais arengas. Se ele tem ingenho, e doutrina, mais de presa se-lhe-oferece o meio termo, e modo de o-dizer; do que a regra, que o-ensina. Se nam tem ingenho, estou certo que nem regras, nem figuras, nem modos, nem coiza alguma lhe-ocorrerá; com que possa discorrer fundadamente. Nunca me-sucedeo que, discorrendo comigo, me-viesse à imaginasam, servir-me do-silogismo. nunca vi tratar negocio algum grave, com o meio da-Dialetica: ainda sendo as partes, pessoas de toda a penetrasam; e tendo perdido muito tempo,

com a Dialectica. Isto da-Logica e o mesmo, que a Retorica: os ignorantes das-regras, se tem ingenho, e alguma lizã, oram, e provam melhor o que dizem, do que os Logicos, e Oradores da-Escola. O omem ignorante das-regras, nam perde tempo com palavrinhas, mas vai direito à razã, e busca aquelas que conduzem, ao seu intento. Ora é sem duvida, que as razoes, e nam as palavras, sam as que persuadem, e provam o que se-quer. Poderã as palavras, e modo com que se-diz, dar mais luz às razoes: mas palavras sem razoes nada provam. E esta é a razã, porque os Logicos fins discorrem pior, que os que nam sam Logicos. E esta mesma razã me dá fundamento para dizer, que é melhor que nam se-fale, em tais regras.

Acho ainda outra razã, e cuido ser mais forte, para nam se-guir este metodo do-silogismo; vem a ser, que o silogismo nam serve em modo algum, de ajudar a razã, para que aumente os seus conhecimentos, e neles discorra bem. Quando se-á-de persuadir, e discorrer bem, o primeiro, e principal ponto está, em descobrir as provas: o segundo, em dispõlas com tal ordem, que se-conheça clara, e facilmente, a conexã, e força delas: o terceiro, em conhecer claramente, a conexã de cada parte da-deduzã: o quarto, em tirar uma boa concluzã do-todo. Estes diferentes graos se-conhecem muito bem, em qualquer demonstrã mathematica. Uma coiza é, perceber a conexã de cada parte, ao mesmo tempo que um mestre vai explicando a demonstrã: outra coiza diferente, conhecer a dependencia, que a-concluzã tem, de todas as partes da-demonstrã: terceira coiza muito diferente, conhecer por-si mesmo clara, e distintamente, uma demonstrã: e finalmente uma quarta coiza, totalmente diferente das-trez, ter achado as provas, de que se-compoem a demonstrã. O que suposto, o silogismo nam faz mais, que mostrar a conexã das-partes, sem ensinar a buscar as provas: onde fica claro, que nam é de grande socorro à razã. Muito mais, porque a alma pode conhecer, e conhece, muito mais facilmente por-si mesmo, a conexã das-partes; do que por-nenhum silogismo. Quantos omens nam vemos todos os dias, que intendem mui bem, toda a força de uma razã; a falacia, e eficacia de um discurso comprido; e discorrem mui acertadamente; sem terem ouvido falar em silogismos? E nam digo somente, entre os omens de boa educã; mas quem quizer considerar, a maior parte da Africa, e America; acharã omens que discorrem tam futilmente, como os nosos Europeos; sem saberem reduzir um argumento à forma. Achei negros vindos de la, tam maliciosos, e fingidos; que nam se-pode dizer mais. Ja eu disse a V. P. em outra parte, que me-tem feito muitas vezes mais força, as razoes de muitos rusticos, do que de alguns Logicos, e Oradores de profissã.

Ainda daqueles mesmos que estudam Logica, rarissimos sam que cheguem a conhecer, por-que razã trez proposiçoens, combinadas de um certo modo, produzam uma concluzã justa: e que saibam com toda a in-

dividua-

dividuam, porque razam de mais de 600. combinaçoens diferentes, só umas 14. sejam boas. A maior parte destes estudantes contentam-se, com uma Dialectica tradicional: e nada mais fazem do que crer, o que lhe-diçe seu mestre; que certos Modos reduzidos a certas Figuras, são bons; outros, são maos: sem chegarem a certificar-se, que na verdade assim é. Ora daqui saie por-legitima consequencia, que, se é verdade o que eles dizem, que o silogismo é o verdadeiro, e unico instrumento da-razam, com o qual é que se-pode chegar, ao conhecimento das-coizas; antes de Aristoteles, ninguem raciocinou bem, nem teve conhecimento certo, e depois dele, entre vinte mil omens nam se-achará um, que goze esta fortuna.

Mas eu creio que seria louco, quem tiráse tal consequencia: observando-se claramente, que os Omens intendem as coizas bem, sem o dito socorro. Tomára que me-diçesem, com que outra Dialectica conheceo Aristoteles, que muitos daqueles Modos eram certos, e outros falazes; se-nam com a penetraçam da-sua mente, que reconheceo a conveniencia que se-dava, entre umas ideias, e diinconveniencia entre outras? A noia mente tem de sua natureza a facilidade, de conhecer a conexam destas ideias, e polas em boa ordem, e tirar delas concluzoens justas; sem que para isto a-preparem, com artificio algum. Dizei a uma mulher rustica, convalescente de uma grande enfermidade, que a sopra um nordeste agudo, e que o Ceo ameaça grande chuva: ela facilmente perceberá, que nam é tempo para sair de caça. O seu juizo une com toda a facilidade, estas diferentes ideias: *Nordeste, Nuvens, Chuva, Umidade, Frio, Recaida, Perigo de morte*: e isto em um abrir de olhos; sem ter necessidade daquella fórma artificial, e embarasada de quinze ou vinte silogismos. Ora é certo, que o silogismo nam suministra esta faculdade de perceber, e ordenar as ideias; nem suministra as ideias para isto: e como destas duas coizas dependa tudo; fica bem claro, que nam serve para discorrer bem.

Se V. P. observa o que dizem os doidos, achará, que eles nam se-enganam nas consequencias, mas nos-principios: e por-isto discorrem mal. Uniram-se por-alguma cauza, no-intendimento de um doido, duas ideias; v. g. a que tem de si, e a que tem de um Rei: postas as quais, discorre o omem mui bem: quer Magestade: quer gentilomens, e trono de soberano &c. Estas consequencias decem mui bem, daquele principio: todo o mal está, nas ideias que ele abraçou, e unio mal. Da mesma sorte os que nam são doidos: nam consiste o ingano nas consequencias, porque a alma com toda a facilidade as-infere, e percebe a conexam delas com os meios: todo o ponto está nos-principios, e por as ideias em boa ordem. Isto nam suministra a Silogistica, e assim nam me-parece que pode servir, para o que se-pertende.

A noia mente naturalmente inclina, para admitir uma propoziçam por-verdadeira, em virtude de outra admitida por-tal; ao que chamam

inferir: e acha com facilidade, uma terceira ideia; que tenha conexam, com ambas as duas. Progunto agora: ou a mente buscando a ideia terceira, se-certificou da-conexam dela, com as primeiras, ou nam? Se a-procurou assim, fez um conhecimento certo: se a-nam-procurou, fez um erro: mas em ambos os cazos fez tudo, sem filogilismo. Se o homem nam tivesse conhecido, a conveniencia da-terceira ideia, com as duas extremas; nunca poderá afirmar, a consequencia. Ora é certo, que o filogilismo em nada contribue a mostrar, e fortificar, a conexam do-meio com os extremos: ele mostra somente, a uniam dos-extremos entre si, em virtude da-conexam com o meio, que ja está conhecida. Em uma palavra, aindaque eu conheça, a quantidade, e qualidade de duas proposições, nam sei se são verdadeiras: e a Silogística somente ensina, a inferir; nam a conhecer as premissas: se uma delas for falsa, será falsa a concluzam. Assimque nam é o filogilismo o que ensina, a discorrer bem: antes tudo o contrario; conhece mais facilmente o juizo, a conexam de muitas ideias, todas as vezes que estão postas em ordem natural; doque reduzindo-se às embrulhadas dos-filogilismo: como a experiencia todos os dias ensina.

Acresco a isto, que sem a boa ordem das-ideias, nam se-pode dar boa ordem, aos filogilismos. Ponha V. P. um juizo embrulhado, com mil ideias incoerentes, e verá se pode fazer algum filogilismo. Polo contrario, ponha em boa ordem, as ideias de um filogilismo; e verá com que facilidade se-intendem sem filogilismo, que sempre é mais embarasado. Mais facilmente se-intende a conexam de *homem*, e *vivente*, pondo as ideias nesta ordem natural; *homem*, *animal*, *vivente*: doque nesta; *animal*, *vivente*, *homem*, *animal*: que é a fórma do-filogilismo.

Quanto aos que dizem, que o filogilismo serve, para descobrir os inganos dos-sosismas, e discurso retóricos; é certo que se-inganam muito. O motivo por-que nos-inganamos nos-tais discursos é, porque ocupados da beleza daquela metáfora, ou pensamento delicado; nam examinamos a conexam das-ideias, de que se-compoem. Explique V. P. o que diz o sofista, separe umas ideias das-outras; e verá que se-acaba o sofisma, sem necessidade de filogilismo: porque postas elas na sua ordem natural, intendem-se maravilhosamente, se são, ou nam coerentes. E que outra coiza fazem os Dialecticos vulgares, quando respondem a algum sofisma? V. P. oporá um sofisma; e respondem-lhe logo: *Distinguo minorem, v. g. materialiter, concedo: formaliter, nego.* pede V. P. a explicação dos-tais termos: e eles lhadam com um discurso longo, ou curto, mas sem genero algum de filogilismo. Onde parece-me que sem injuria podemos dizer, que os que defendem a necessidade do-filogilismo, como de uma famosa arma contra os sofismas; ou zombam, ou nam intendem o que dizem.

Desorteque examinando bem o filogilismo, ele nam dá ideias; que são os principios dos-nossos conhecimentos: nam dá a boa ordem das-ideias,  
e da-

e da-percesám, porque isto faz a outra por-si só. Serve famente de pór em certa ordem, as poucas ideias que nós temos: e o maior uzo que tem e, nas disputas dos-Escolásticos; aonde as vezes dá a vitoria. O mais informado nesta arte, confunde com eles, e convence o que nam é tanto: e ainda em tal cazo nam o-reduz ao seu partido: porque nunca se-vio, que os filogismos produzissem esse bom cfeito; que aquelle que fica convencido, pasae para a opiniam do-contrario. Conhecerá que nam sabe responder: mas nam receberá tanta luz, que aja paíar para a parte do-leu auvertário. Esta é a natureza do-filogismo.

Mas aindaque esta razam seja mui forte, cuido que dos-mesmos principios dos-Escolásticos, se-tira nova razam, para se-excluirem, e vem a ser; que as tais regras do-filogismo só servem, para estes filogismos simples, feitos de propozicoens que constam de dois termos, e Verbo: v.g. *Todo o homem é animal = Pedro é homem = Logo Pedro é animal.* Quando porem intramos nos-filogismos, compostos de varias propozicoens, e com mil termos obliquos; é loucura persuadir-se, que neles valham tais regras, tomadas no-rigor da-Logica. Incontram-se mil discursos de evidencia tal, que nenhum homem de juizo, pode duvidar da-tua verdade: vemos cada momento discursos, a que os Logicos chamam *Sorites*, compostos de dez, e doze propozicoens; tam claros, e manifestos; que todos os-devem admitir, ainda aquelles que nunca lèram Logica: que é a maior prova da-verdade, e evidencia: e contudo nam pertencem, a Figura alguma das-ditas. Sei que alguns destes Logicos antigos se-amofinam, para lhe-descobrir a Figura, e Modo; mas superfluamente: pois aindaque dizem muitas coizas, e apontam outras propozicoens, que expoem as ditas; e nas quais exponentes querem mostrar de alguma maneira, as regras; nam provam o que dizem, nem respondem ao que se-lhe-progunta: ficando sempre em pé a dificuldade, que o dito filogismo, do-modo que se-propoem, nam pertence a Figura alguma: e contudo é verdadeiro, e todos o-intendem com facilidade. E como nos-discursos familiares, nos-discursos oratorios, e quando se-impugnam propozicoens ou concluscoens; famente se-uze destes discursos compostos; fica claro, que em nenhuma destas partes podem ter lugar, as tais Figuras: e que nam só sam inutis, mas impossiveis.

Seguro a V. P. que tendo lido muito, visto, e ouvido muito, e assistido a disputas de toda a consideracám; nam vi ninguem, que se-visse da-dita Fórma. Nunca vi converter Ebreje algum com fórma Silogística, nem Ebrejo, ou Ateísta. E contudo tenho-me achado em algumas partes, com estas trez sortes de peísoas, e conversado com elles larguissimamente. Elles me-responderam sempre com razoens ou boas, ou más; mas nunca com fórma Silogística: e quando alguma vez succedia, que o discurso caia em questam de nome; logo me-advertiam, que deixásse a Dialectica, e argumentásse com razoens. Nem menos falei com algum, que

me-difese, ter-lhe succedido o contrario: nem acho dogma algum, que necessite da fórma Silogística, para se-poder entender, ou explicar. Nam leio que Cristo, ou os Apostolos se-servissem do-silogismo, para persuadir as verdades, que defendiam, e propunham: nem acho que a Igreja Romana, ou os Concilios uzassem desta fórma, para declarar alguma materia controverfa: antes tudo o contrario. Vejo que os SS. PP. encomendam muito, que os Dogmas se-próvem com razoes solidas, fugindo de todas as sutilezas da-Dialectica: e que eles mesmos Padres praticam muito bem, o que encomendam. O que mostra bem, a nenhuma necessidade, ou utilidade destes termos da-Escola, na Teologia.

Alem disto acho outra nova razam, para desprezar totalmente estas doutrinas: vem a ser, o enfadonho metodo que introduzem, em todo o genero de discursos. Nam á coiza mais dezagradavel e confuza, que um longo discurso Dialectico: e nam á discurso, que reduzido ao metodo da-Escola, nam seja longuissimo. Um paragrafo de discurso familiar mui breve e claro, reduzido a silogismos, enche boa meia folha de papel. Ouvem-se cem vezes os mesmos termos: porque cada silogismo deve repetir, uma das-proposicoens do-antecedente. E tudo aquilo se-pode dizer, em breves palavras, e com muita clareza, sem nem menos introduzir um silogismo. Polo contrario, quando entra o silogismo, é necessario recorer, a proposicoens gerais, que nam toam bem, nem provam muito: e tem mais apparencia de declamafam, que de prova filozofica, e discurso sensato.

Esta simplez propozitam: *Quero-vos bem, pois vos-tenho obedecido, e nam podeis duvidar, da-sinceridade com que vos-sirvo: porque tendes experiencia constante, de que a nenhum outro o-faso: pode dar de si bastantes silogismos, se ouver quem a-dilate. v. g. Quem faz a outro, tudo o que lhe-pede; dá final certo, de lhe-querer bem. Eu tenho-vos feito, quanto me-tendes pedido: logo tenho-vos dado um final certo, de que vos-quero bem. O final certo do-querer bem, nam pode separar-se, do-mesmo querer bem: logo se eu vos-dou, um final certo, de que vos-quero bem, obedecendo ao que me-ordenais; é certo, que vos-quero bem. Provo a maior. Quem faz a outro, tudo o que lhe-pede, e o outro nam pode duvidar, da-sinceridade com que lhe-obedece; dá-lhe um final certo, de lhe-querer bem. Eu tenho-vos feito quanto me-pedistes, e alem disto vós nam podeis duvidar, da-sinceridade do-afecto, com que vos-sirvo: logo fazendo-vos o que me-pedis, dou-vos um final certo, de vos-querer bem. Provo esta maior. Quem tendo uma experiencia constante, de que um sujeito que conhece, a ninguem costuma servir; nam obstante isto tem outra experiencia constante, de que este mesmo sujeito o-serve a ele; recebe um final certo, da-sinceridade com que lhe-obedece. Vós tendo constante experiencia, de que eu nam sirvo a ninguem; nam obstante isto tendes outra experiencia constante, que eu sempre vos-sirvo, e obedeco: Logo tendo vós estas duas experiencias, recebeis um final certo, da-sinceridade com que*

*que vos-obedeço.* Nam quero continuar mais, os filogifmos da-*maior* : e nem menos quero continuar, as provas da-primeira *menor subsumpta* : o que disse basta para provar, que qualquer pequena propozifam composta pode produzir mil filogifmos. Ora é certo, que a primeira propozifam é clara, e todos a-intendem : e aquela longa enfiada de filogifmos é obscura, e só a-intendem, os que sabem a fórma Silogística : e contudo isto nam diz mais, do que dizia a primeira propozifam. Do-que se-conclue, que o dito metodo se-deve desprezar, quando nam fosse por-outra razam mais, que por-fer enfadonho, e cauzar molestia sem utilidade.

Dirmeá V.P. que este meu discurso tem por-fim, condenar todo o filogifmo : e desterrar do-mundo todos os livros, que se-explicam por-filogifmos : e mostrar, que nam só sã inutis, mas prejudiciais ; como ja me-respondeo um Dialetico. Mas a isto respondo, que nam é esta a minha intensam. Confesso, que todos os nosos discursos, se-podem reduzir em filogifmos : um sermam, um discurso familiar, uma escritura que persuade, um inteiro livro, pode-se chamar, filogifmo composto de infinitos termos obliquos : nas mesmas demonstraçoens mathematicas, se podem descobrir filogifmos. Ainda digo mais, nam á discurso que persuade, que nam seja em vigor de um filogifmo, ou claro, ou oculto. Contudo isto defendo, que de pouca ou nenhuma utilidade é o filogifmo, para quem á-de discorrer bem. Nam é o mesmo intervir o filogifmo em tudo, que ser a unica arma, com que se-discorre bem ; desorteque quem nam tem esta noticia, seja obrigado a discorrer mal. Quando Aristoteles escreveo, as suas reflexoens sobre o filogifmo ; nam nos-quiz ensinar, a fazer filogifmos ; porque isto fazemos nós sem reflexam, nem estudo algum : quiz lamente mortarnos, em que se-fundava, a verdade dos-nosos conhecimentos discursivos : e como procedia o intendmento, quando consentia em algum objeto. Porem nam devemos daqui inferir, que sem praticar advertidamente, tudo o que ele propoem, nam posamos discorrer bem : nam senhor : a dita noticia é mais especulativa, que pratica. Abráse V.P. bons principios, e evidentes ; e verá que perfeitos raciocinios fórma, sem noticia alguma da-Silogística : explicarme-ei com um exemplo. Para comer alguma coiza, e com isto sustentar-se um omem, é necessario mover uma grande quantidade de musculos, que se-movem matematicamente. Quer-se uma particular dispozifam da-lingua, para empurrar o comer para os-dentes, e despois para a goela : quer-se a saliva, para ajudar a triturafam, e o fermento no-estomago : e finalmente mil outras coizas, que agora me-nam-ocorrem. Tudo isto é tam necessario, e estas coizas estam tam unidas, que faltando uma, nam succederia o caso. Seria porem louco quem, ouvindo isto, nam quize-se comer, sem saber primeiro tudo, quanto tem dito os Mathematicos, sobre as leis do-movimento, e sobre a Mecanica : como tambem tudo o que tem dito os Anatomicos ; sobre os ditos mus-

culos, umores, fermentações &c. Este homem morreria de fome, no mesmo tempo que outro, rindo-se da sua loucura, comeria muito descansado, e com muito gosto. A razão disto é: porque sem tanta erudição, a machina do nosso corpo está disposta em modo, que metendo o comer na boca, e querendo mastigar, (fora dos impedimentos) tudo aquilo se faz, sem estudo ou reflexão alguma. Da mesma sorte a machina espiritual da nossa alma, (se me é licito, servir-me desta expressão) recebeo tal faculdade de Deus, que conhece todas as coisas evidentes, especialmente a conexão de umas ideias com outras, sem estudo ou artifício algum: ainda que neste mesmo ato de conhecer, pratique aquilo, que superfluaamente aprenderia de outro.

Daqui fica claro, que servindo-nos do silogismo para persuadir, nem por isto somos obrigados, a saber estas coisas. Contudo aprovo que se aprenda, alguma noticia mais geral: o que se pode fazer em duas palavras. Pode além disto o silogismo ter seu uzo entre aqueles, que desde rapazes estão costumados a ele. Quizerá porém que a gente reconheça-se, que o silogismo vale dez, e não cem, nem mil: e que não nos quebralem a cabeça com o silogismo, como uma invenção singular, para conhecer a verdade, e aumentar os conhecimentos, nas Ciências. Explico isto com outro exemplo, de que já se servio um grande homem, do seculo passado. Vemos homens de vista tão curta, que não podem ver distintamente os objetos, em alguma distancia, sem uns óculos sumamente concavos de uma, ou de ambas as partes. Mas porque eles não vêm sem eles, nem por isto devem julgar o mesmo, dos outros: porque á muitos, que vêm maravilhosamente, sem tal socorro. Da mesma sorte a alma dos Escolásticos, não vê sem os olhos do silogismo: que lhe faça muito bom proveito, e se sirvam deles quanto quizerem: a alma porém dos outros homens, exercitando-se em discorrer com advertência, pode ver a conexão das ideias, sem aquele socorro. Sirva-se cada um do que quizer, e mais lhe convier: o que importa é, que os Peripateticos não julguem todos, pela mesma medida: e da falta de olhos nos outros, não infiram, que todo o mais mundo anda às cegas.

Conheço, que algumas vezes se pode uzar do dito método, com utilidade; quando se quer introduzir um dialogo; para evitar os discursos compridos, e oratorios. Mas em tal caso são necessárias varias cautelas, para ser útil o dito método: porque se deixamos provar a cada um o que quer; caímos no defeito, que queriamos evitar. Deve pois evitar-se toda a superfluidade, e tocar unicamente o ponto da questão. Mas neste caso, não é tanto estimado o tal método, por ser Escolastico, mas por ser método de dialogo: no qual se propõem a dificuldade, por uma parte, e da outra se lhe dá a resposta. Temos um belo exemplo, no Concilio geral Florentino, congregado por Eugenio IV. como nele se avia tratar,

tar, da-uniam da-Igreja Grega, com a Latina; sobre alguns pontos em que diversificavam; escolheram-se seis omens de cada parte, para examina-rem a questam, e dizerem o que se-avia propor, por-uma e outra parte: e lhe-ordenaram, que, deixados os discursos compridos, seguissem um me-todo breve, e dialetico. Mas quem examina nos atos do-tal Concilio, que coiza era este metodo dialetico, acha, que nada mais era, senam um dia-logo sem rodeios, nem prolixidades: no-qual de uma, parte, um punha a dificuldade: e da-outra, o seu opozitor respondia sim, ou nam: ou bre-vemente dava a razam, porque duvidava &c. Esta foi toda a Dialetica, que se-praticou na dita disputa: o que bem mostra, que muitas vezes se-chamou dialetico, o estilo de falar concizo e breve; sem aquelas Figuras que constituem, o estilo retorico: e isto é o mesmo que eu digo, ser muito util. Mas nam achará V. P. que se-fizese cazo, das-ridicularias da-Logica vulgar: ou que, fazendo-se, rezultasse daí utilidade alguma: que era o que eu asima dizia.

Nem cuido que V. P. me-mostrará, que às Ciencias resulta-se utilidade alguma, do-uzo do-silogismo. A falar verdade, nenhum omem douto cuidou nunca nestas ridicularias: os sofistas sim. Os seculos do-silo-gismo foram os mais barbaros, e ignorantes. Ele comefou ca no-Occiden-te no-IX. seculo: aumentou-se com muito mais excessu no-XI. e durou até o meio do-XVI. E que coiza boa acha V. P. neses tempos? Polo con-trario, desde o principio do-XVII. em que o silogismo se-comefou a dei-xar, e se-procurou outro metodo; o aumento é tam sensível, que seria loucura mostrá-lo: muito mais neste ultimo seculo, em que os olhos es-tam mais abertos. Assimque, com estes exemplos à vista, nam parecerá maravilha que eu diga, que o silogismo vale pouco, e tem servido de muito pouco: e que avendo outra ideia melhor, é loucura, demorar-se com ele. De tudo isto concluo, que a Logica que pode servir no-mundo, é mui diversa, desta chamada Logica das-escolas: a qual por-mnitos prin-cipios nem menos se-deve ler. Creio que V. P. me-perdoará esta digres-sam, com que interro npi, o que lhe-queria dizer da-Logica; se-quizer refletir, que nam é alheia do-meu argumento: antes justifica o que abai-xo lhe-direi, e me-poupa algumas repetisoens. Torno à ideia, que lhe-queria dar da-Logica.

Digo pois, que o metodo de filozofar nam se-deve seguir, por-que o diz este, ou aquele autor: mas porque a razam e experiencia mos-tram, que se-deve abraçar. Isto é o que eu nam posso meter em cabeça, a muita gente: porque a maior parte do-mundo, nam examina os prin-cipios das-coizas; mas vam uns detraz dos-outros como carneiros; sem mais eleisam, que o costume: e antes querem errar, por-cabeça alheia, que acertar pola propria. Persuadem-se, que os velhos nam podem ensinar, coiza alguma má: e recebem os tais ditames, com a posivel venerasam.

Nenhum toma o trabalho de examinar, se a opiniam é boa, ou má: uma vez que a-diferam os antigos mestres, é o que basta. De que nasce, que omens de ingenho mui prespicaz, seguem doutrinas contrarias a toda a boarazam; e que eles mesmos dezaprovam, quando lhas-explicam bem. Entre tantos Peripateticos, que V. P. conhece, nam achará algum que duvidáse uma só vez, se Aristoteles na sua Logica dise bem, ou mal: como conste que o-dise Aristoteles, é o que basta: nam faltará modo de explicar, a dita doutrina, ou texto. E deste principio nascem, aqueles grandes comentarios, com que amofinam a paciencia ao mundo; e fazem perder o tempo, nas escolas.

Bem claro é que um homem, que escrupulozamente comenta um autor, supoem ser verdade, quando ele diz: pois de outra sorte, devia fazer um rigorozo exame, na materia que comenta. E isaqui tem V. P. que estes tais, querendo ensinar aos outros discorrer bem, eles sam os primeiros, que discorrem muito mal. Falava eu em certa ocaziã, com um mestre Peripatetico, e caindo o discurso sobre uma destas materias, me-produzio ele um texto do-Filozof, em uma questã bem cóntroversa. Respondi eu, que nam me-impertava, o que dizia o Filozof, mas o que ele na dita conversã me-provava. Aqui admirado o homem clama logo, V. P. nam pode negar o texto: deve explicá-lo, ao que eu postualmente respondi: Quem lhe-dise a V. P. que eu nam póo negar o texto? dise-lho algum concilio Ecumenico, ou algum texto da-Escritura? Se V. P. me-citãse, alguma propozisãm de Euclides; em tal caso lha-admetiria; nam porque Euclides o-dise, mas porque a evidencia mostra, que dise bem; e todos reconhecem a verdade, das-ditas propozisões: fóra daqui nam admito senã aquilo, que me-provam com clareza, e verdade. Onde é necessario que V. P. primeiro que tudo, me-prove tres coizas. 1. Que Aristoteles nam podia dizer uma parvoice, advertidamente. 2. que nam podia enganar-se. 3. que o que nós oje achamos nos-seus escritos, seja verdadeiramente o que ele dise: postas estas circunstancias considerarei entã, o que ei-de responder ao texto. Até aqui o discurso, que eu tive com o dito Padre. Agora acrecento, que o dito mestre, ouvindo estas minhas razoes, nam se-aquietou; mas continuou de admirar-se da mesma sorte, que se nam lhe-tivessem respondido coiza alguma.

Concluo pois, que é necessario seja bem louco, quem nam conhece, quam grande impedimento seja, para discorrer bem, seguir as pizadas de um autor só, ou seja Aristoteles, ou algum moderno. A Verdade, e a Razã é uma só. Todos podemos discorrer, e entender o que nos dizem: e quem fala em maneira que melhor o-intendam, e prova melhor o que diz, esse é que se-deve seguir, com preferencia aos outros. Se acazo nam prova o que diz, antes o que diz nam parece bem, ou á razoes para se-intender, que é máo, nam se-deve fazer

zer cazo, de tais discursos. Esta é a pedra de toque, nam só da-Logica, mas de qualquer outra Faculdade: tomar por-principios coizas tais, que as-intendam todos, os que dam alguma atensam às ditas regras: mas principalmente é necessário, na Logica. Certamente que a Logica nam foi feita, para Clerigos, ou Frades, ou pessoas de uma exquisita erudição: deve servir a todos os que falam, e raciocinam: e nam só em discursos estudados; mas em qualquer sorte de discurso, publico ou particular; serio ou agradável. Se ela serve, para ensinar a discorrer bem, deve dar ditames, que possam servir em toda a parte, em que se-discorre, e se-deve discorrer bem. Importa pouco, o que diçe este ou aquele, da-Logica: o que importa é, facilitar os meios, para nam se-inganar: e buscar para isto um metodo, que a boa razão persuade ser util, e os omens que tem voto na materia, reconhecem com razão, e experiencia, ser o unico meio, para conseguir aquele fim. Alem disto propolo de um modo, que qualquer pessoa de juizo, se-capacite da-dita verdade. Isto suposto, farei a V. P. algumas reflexoens, sobre o metodo de digirir o juizo. Mas devo supor, que falo com um omem, sem nenhuma preocupasam: e que nam tenha lido Logica alguma: ou, se a-tem lido, que procure esquecer-se de tudo: mas no-mesmo tempo que tenha juizo claro, para conhecer as coizas. a este omem farei, as seguintes reflexoens.

#### I D E I A D A L O G I C A

Nós temos numa alma capaz de conhecer, todas as coizas deste mundo. Recebemos do-Criador esta alma, dotada de maior perspicacia, doque oje nam temos. O peccado de noso primeiro pai, nos-trouxo por-castigo, fomos fugeitos ao ingano: e por-pena do-mesmo peccado se-nos-limitou, a esfera da-nossa perspicacia: nam conhecemos tam bem como ele, e somos mais fugeitos, a conhecer mal. Contudo a alma é a mesma, que era ao principio: foi criada para conhecer a Verdade, e ficou-lhe sempre a propensam para ella: em modo que, quando a alma ve uma verdade clara, nam pode deixar de conhecê-la, e abria-la. Nenhum omem de juizo duvida, se é omem: nenhum duvida, se fala, ou está calado; se está em pé, ou asentado: por-força á-de admitir uma destas coizas, porque sam mui claras; e uma delas á-de ser verdade. Por-isto nós pecamos, e pecando nos-desviamos da-verdade da-lei divina, que é tam conforme à boa razão; porque nam damos atensam, à dita verdade: se a-desemos, sem duvida ficariamos persuadidos, que se-devia praticar, o que ella diz. Mas a rebeldia que experinentamos, no-noso corpo, que com dificuldade se-fugeita, aos ditames d'alma; é a cauza deste mal. Ele nos-inclina sempre, para a parte contraria, com a ilica de coizas agradaveis: e a alma, divertida com outras considerasoens, difficultosamente volta os olhos para a verdade: e por-isto a-nam-recebe: e por-isto peca. Esta é a origem, de todos os nosos inganos, e de todos os nosos danos. Se a alma nam fosse arrastada, polos tumultos da-fantazia,

que comumente a-ingana; conheceria mui bem toda a verdade: nam só aquellas que conduzem, para posuir um bem eterno; mas também, estas verdades indifferentes das-coizas naturais: e discorreria sem ingano, em toda a materia: mas as cauzas dos-inganos são tam frequentes, nesta vida mortal; que nam é marivilha, se os omens ajuizam tam mal: e ajuizando assim, obrem em tudo mal.

Isto suposto, a unica medicina que se-tem achado, para ajuizar bem, é desviar as cauzas, que nos conduzem ao ingano. Ponho de parte, o ajuizar bem para conseguir, a bemaventurança sobrenatural: (ainda que daqui possa receber muita luz; contudo como uecesita de outras coizas, e nam é esse meu argumento; por-isto o-deixo) e falo somente do-discorrer bem, em todas as outras materias. Digo pois, que o verdadeiro segredo de ajuizar bem, é desviar as cauzas que nos-inganam, e fazem julgar mal. Para fazer isto, é necesario examinar os modos, com que a alma conhece; e meios de que se-serve, para se-explicar.

Nós nam trazemos da-barriga da-maen, conhecimento algum: todos os-adquerimos depois de nacidos. Basta olhar, para o que faz um menino; para ver a sua ignorancia, e que nasce despido de todo o conhecimento. Ele aprende a sua lingua, como nós aprendemos uma lingua estrangeira: quero dizer, assim como nós, aprendendo uma lingua estrangeira, só formamos ideia dos-nomes que vamos aprendendo, e nam daquelles que ainda nam ouvimos: assim também um menino, só tem ideia das-palavras que ouve, e nenhuma das-outras, que nunca ouvio. Mas alem disto nem menos tem ideia das-coizas, que significam os tais nomes, senam das-que ve, ou ouve. Um menino nam profere, senam as palavras que ouve: só intende e fala daquilo, que lhe-tem dito, ou visto. o que mostra claramente, que nam tem outros conhecimentos, se-nam os que entram polos sentidos. Os que defendem ideias inatas, que mostrem alguma, e que nam entre polos sentidos; ou nam se-deduza das-ideias, que intraram por-eles: estou certo, que nam aparecerá alguma, a que nam posamos descobrir, esta origem.

São pois os sentidos, as principais portas, pelas quais entram as ideias, na alma. Umas destas ideias entram, por-um só sentido: v. g. a *Solididade* dos-Corpos, que entra polo tato: outras entram por-dois sentidos: v. g. a *figura*, que pode intrar polo tato, e juntamente polos olhos. Algumas ideias originam-se em nós, com a meditação, ou reflexão: deste genero é a *vontade*, *precesão* &c. Outras entram umas vezes por-*sensação*; outras, pola *reflexão*: v. g. o *gosto*, *dor*, *existencia*, *unidade*, *potencia*, *sucessão*. Finalmente muitas ideias simpleses, se-originam em nós, por-meio das-cauzas privativas; tais são as ideias que nós temos, das qualidades dos-corpos: v. g. a ideia de *Negritude* &c. O exame dilatado deste negocio, pertence a outro lugar: basta por-agora que o Logico conheça, que por-todas estas vias podemos receber, ideias simpleses.

Admiravel é a virtude que a alma tem, para unir, e combinar estas diferentes ideias simples, que por-este modo recebe. Verdade é, que alma nasce despida, de todo o conhecimento atual: mas fica mui bem recompensada, com a virtude de-que Deus a-dotou, de poder conseguir muitas, e novas ideias, com diferentes combinações. Unindo as ideias, que intráram polos sentidos, forma a alma muitas outras ideias: outras vezes examinando as proprias ideias, nascem diferentes ideias na alma. Desta diferente combinação de ideias, nascem todas as ideias compostas, que nesta vida experimentamos.

Mas aindaque sejam infinitas as ideias compostas, que a alma forma, podem-se reduzir, a tres sortes de ideias: que são as ideias dos-*Modos*, das-*Sustancias*, e das-*Relações*. As ideias dos *modos* são aquelas ideias que nós formamos, de diversas coizas que não existem por-si, mas são dependencias de outras coizas. v.g. a ideia que eu tenho de um *triangulo*, de uma *coluna*, de um *circulo* &c. Estas ainda são de duas maneiras: ou são ideias de *modos simples*, ou de *modos mistos*. Chamo modos simples, às ideias dos-modos, que são compostas, de duas ideias da mesma especie: v.g. a ideia que eu tenho de *doze*, de *cem* &c. que é composta das-ideias, de muitas unidades juntas: a ideia de *imensidade*, que é composta, da-repetição de diferentes ideias de distancia, repetidas sem fim: e como cada distancia se-lupoem ter, uma modificação de espaço; a dita ideia é uma ideia composta. Chamo *modo misto*, uma ideia composta, de modos de diferente especie: v.g. a ideia de *beleza*, que é um composto de diferentes cores, e proporções, que dá gosto vendo-se. também a ideia de *ira*, *mentira*, *obrigação* &c. Estas ideias não o entendimento, sem examinar se existem, ou não: e a estas dá o nome, que lhe-parece. Os outros porém comumente, recebem estas ideias dos-outros, que lhe-explicam o significado, de muitos termos. Desorteque ou por-aplicação, ou por-experiencia recebemos as ideias, dos-*modos mistos*.

A segunda especie de ideias, são as das-*Sustancias*. Não podendo nós entender, como as ideias simples existam por-si só, nos-acostumamos a supor alguma coiza, que as-sustenta: ao que damos o nome, de *Sustancia*. Digam o que quizerem, os que falam de *Sustancia*, como de uma coiza, que eles entendem bem o que é; certo é, que não tem os outros, mais clara ideia de sustancia. Onde ideia de sustancia, é ideia de uma certa coiza incognita; a qual, quando nós queremos explicar, não sabemos dizer o que é: mas somente dizemos; que é uma coiza, que nós supomos ser a base, daquelas ideias que vemos. E esta ignorancia é applicavel, a qualquer sorte de ideia de sustancia. Quanto às ideias das-particulares sustancias, estas formamos nós, unindo quantas ideias podemos ter de uma coiza. v. g. unindo a ideia de *cristalino*, *durissimo* &c. formamos ideia, do-diamante. Mas além destas, devemos unir-lhe, a ideia confusa

que nós temos, de uma coiza que as-iustenta: e daquelas ideias, e desta, rezulta a ideia composta, que nós temos neste mundo, da-sustancia do-diamante. Do-que se-segue, que tam clara ideia temos nós, da-sustancia do-Corpo, como do Espírito: pois nenhuma outra ideia temos mais, que dos-modos ou efeitos, que se-observam; unidos à dita ideia de uma coiza, que supo nos iustantála: cujos efeitos tam claramente se-conhecem do-Espírito, como do-Corpo. Alem destas ideias de sustancia, formamos outra ideia composta, ou complexa de sustancia, unindo diferentes ideias de sustancias. v. g. unindo diferentes ideias de naos, pesas de artilharia, marinheiros, almirantes &c. fazemos a ideia complexa de *armada*: e da mesma sorte de *exercito*, *mundo* &c. A estas damos um só nome, porque na verdade é uma só ideia.

A terceira sorte de ideias, são as *Relações*. Estas fórma a alma, comparando uma coiza com outra: de que nãem mil denominações, que tem proprios nomes, e nos-conduzem a conhecer, outra coiza: e sem os tais nomes, nãem conhecemos muitas relações. Estes nomes só se-podem dar, quando se-põem o fundamento deles. v. g. Pedro é onem: mas se ele se-caza, este contrato serve para lhe-dar o-nome, de *marido*. Estas ideias de relações, são muitas vezes mais claras, que as ideias das-coizas, que estão sujeitas às ditas relações; ou das-sustancias. A ideia de *pai*, e *irmã* é mais clara, que a ideia de *onem*: e com muita mais facilidade eu intendo, que coiza é um *irmã*; doque intendo, que coiza é um *onem*. Conhece-se mais claramente, que coiza é um *amigo*, doque que coiza é *Deus*. Porque o conhecimento de uma asã, ou de uma simplez ideia, basta muitas vezes, para me-dar o conhecimento, de uma relação. Polo contrario, para conhecer um ser sustancial, é necesario um exato conhecimento, de uma coleção de ideias. Devemos porem advertir, que todas estas relações se-terminam, em ideias simplezes: aindaque nos-pareça, tudo o contrario: e os nomes que conduzem a mente, para conhecer outra coiza, alem do-sujeito da-denominaçam; sempre são relativos. Que todas as *relações* sejam compostas, de ideias simplezes, é coiza para mim certa: mas para o-provar, seria necesario, fazer um longo discurso, sobre todas as especies de relações: para mostrar, donde vem a ideia de *Causa*, *Efeito*, *Lugar*, *Extensã*, *Identidade*, *Diversidade* &c. como tambem as relações morais: v. g. *Bem*, *Mal*, *Crime*, *Inocencia* &c. Mas rezervo-me para explicar isto a V. P. em outra ocaziã: e agora continuo às minhas reflexões. Esta em breve é a origem, de todas as nossas ideias.

Daqui fica claro, que das-nossas ideias umas são simplezes, outras compostas: umas *adventicias*, que entram polos sentidos, e outras que a mente faz, a que chamam *ficticias*. Destas umas são claras, outras confuzas; umas adequadas, e outras inadequadas. Finalmente reais, e chimericas; singulares, particulares, e universais.

De todas as ideias, as que mais frequentemente faz a alma, são as *universais*. Estas forma a alma, considerando uma coisa, que tem outras semelhantes: onde considerando todas em uma massa, sem considerar diferença alguma particular, formamos ideia universal. v. g. Temos três sortes de triangulos: um se-chama *Equilatero*, outro *Isofceles*, e o terceiro *Escaleno*: cada um dos-quaes tem suas particulares propriedades. Mas considerando os ditos triangulos somente, como uma figura de três angulos, sem determinar as propriedades de cada um, formamos uma ideia universal, que se-pode aplicar, a cada triangulo de per-si. Este modo de considerar, se-chama nas escolas *precizam*: palavra tirada do-verbo *Præcindo*, ou *Præcido*, que é o mesmo que cortar, separar: porque separamos os triangulos, das-suas propriedades.

Estas ideias universais tem entre os Logicos, diversos nomes Chamam a uma, *Genero*: a outra, *Especie*, *Diferença*, *Proprio*, *Acidente*. Basta intender brevemente, o significado destas vozes, para poder servir-se na ocaziã; e intender o que os Logicos querem dizer com elas: nam confidero outra utilidade, nestes cinco Predicaveis. Polo contrario, tudo quanto deles dizem os Logicos, comumente é falso: pois supoem claramente, que nós temos perfeito conhecimento, das-Esencias: o que é manifesta falsidade.

Sendo pois, que as nossas ideias, só se-podem comunicar aos outros, por-meio daqueles finais, a que chamamos vozes; devemos fazer alguma reflexã, sobre esas mesmas vozes, ou palavras: o que pode conter, alguma coisa útil. As palavras nam significam os pensamentos, por-virtude natural; mas porque a-lim o-determinaram os Omens. A maior parte das-palavras são gerais, quero dizer significam ideias gerais: porque seria impossível, e inutil, que cada coisa particular, tivesse um nome distinto: o commercio humano far-se-ia insupportavel, e os Omens nam aumentariam os seus conhecimentos. Acoftumando-se os Omens, a fazerem ideias abstratas, deram-lhe nomes, a que chamam gerais, ou universais. A nomes para as ideias simplezes, para os modos, e relações &c. e todos estes é necessario saber, como se-formam, e que coisas particulares tem. Succede às vezes, que se-introduzam imperfeisoens nas palavras, por-cauza que as ideias que significam, são mui complexas, e são cauza que os nomes fiquem duvidozos. Succede também, que os Omens abuzem das-palavras, servindo-se de umas, a que nam dam significado certo, ou lho-dam mui obscuro &c. Devem-se remediar estes defeitos: tendo presente a origem deles, e o modo com que se-remediam: o que se-observa nos-autores, que explicam isto. Isto é o que pertence, à *Percesam*.

Alem da-faculdade que a mente tem, de formar ideias, a cuja damos o nome de *Percesam*; tem mais outra faculdade, de comparar uma ideia com outra, e reconhecer a conveniencia, e disconveniencia delas, ao que chamamos *Consentimento*, ou *Juizo*. Assimque o julgar nada mais é:

que certificar-se a mente, que uma coiza convem a outra, ou nam convem: e comparando ela uma ideia com outra; reconhece, e se-certifica da-conveniencia, ou disconveniencia. Se o juizo se-explica, com as vozes; chama-se *Propozifam*, ou *Enunciifam*: e em tal eazo, tanto aquilo a que convem uma coiza, como as vozes porque se-explica; chama-se *sujeito* da-propozifam: e o que convem, chama-se *predicado*.

Decendo pois à diversidade de juizos, digo, que se a mente se-certifica, da-conveniencia entre duas propozifões, chama-se *juizo afirmativo*; se da-disconveniencia, chama-se *negativo*. Nam digo, que aja juizos negativos, no-sentido em que o-tomam os Logicos vulgares: mas chama-se afirmativo, ou negativo, segundo a coiza que afirma. Esta diversidade de propozifões, ou juizos, alcanfa-se do-sentido, nam das-palavras: as quais sendo negativas, podem ter sentido afirmativo. O que muitos nam advertindo, fazem mil disputas, e arengas sobre coizas bem claras.

Qualquer dos-nossos juizos, (o mesmo digo das-propozifões, que sempre correspondem aos juizos) afirmativo, ou negativo, ou explica o nome; ou explica as nossas ideias; ou explica alguma outra coiza que existe: ao primeiro chamamos, *juizo Nominal*: ao segundo, *Ideal*: ao terceiro, *Real*. v. g. Quando eu digo: *O ouro nam é pedra*: este juizo é *real*. quando digo: *A ideia que eu tenho de pedra, é diferente da-ideia, que tenho de ouro*: este juizo é *ideal*. quando digo: *Este nome Amor significa, um afeto da-alma, ou um juizo que formo, da-excelencia de uma pessoa em algum genero, e utilidade que me-pode resultar dela*: este juizo chama-se *nominal*. Do-conhecimento destas três sortes de juizos, depende o bom ou mau uzo, que fazem os Omens, das-suas faculdades, em qualquer materia que se-lhe-propõem. A maior parte das-disputas nasce, de que nam intendemos bem, as definições dos-nomes: e cadaum as-toma, no-seu sentido. O mesmo digo das-definições, que explicam as ideias dos-outros, principalmente dos-mortos. Atribuimos aos autores que lemos, mil coizas que eles nunca disseram. Servimo-nos dos-Dicionarios, como de oraculos: sem advertir, que aquelles que os-compuzeram, podiam sofrer o mesmo ingano, procurando a verdadeira intelligencia deste nome. O mesmo succede nas definições reais, tanto nas da-essencia, como de algum accidente ou modo. Persuadimo-nos, que sempre sam verdadeiras: e deste modo abraçando-as sem exame, estabelecemos um principio, que por-versa nos-á-de conduzir ao ingano.

Sobre isto das-definições, é bem vulgar o erro dos-Logicos comuns, que dizem, que a definição se-pode fazer por-uma ideia, ou simple percesam, a que eles chamam, *Aprensam*. Isto é falso por-muitos principios: nem se-pode fazer definição alguma, que nam seja, reconhecendo a conveniencia dela, com o seu objeto. Quando dizemos, *Animal racional*: (suponho agora, que esta seja a verdadeira definição do-Omni de que duvido muito, e com razam) ou a mente conhece a conveniencia da-

daquella ideia, com a ideia de Homem; ou nam. Se a-conhece, define: mas em tal caso produz um conhecimento, ou consentimento, a que chamamos *Juizo*: porque o exprimir, ou nam exprimir, com a boca o *Est*, nam faz ao caso. Se a-nam-conhece, nam define; mas profere duas ideias separadas. É necessário intender, e advertir tudo isto muito bem, para nam se-enganar, com o que eles dizem.

Alem destes juizos, fórma a mente infinitos outros, da mesma forte, que disemos das-ideias. Temos juizos simples, compostos, singulares, e universais. A estas se-reduzem todas as fortes de juizos, ou proposições vocais. Conhece-se a especie a que pertence, pola qualidade do-fugito.

Faz tambem a mente juizos verdadeiros, e falsos. E aqui é necessário o criterio, para nam se-enganar. Consiste o criterio da-verdade, na evidencia com que se-propõem uma coiza, de forte que nam deixe duvidar, de ser assim. Nisto se-enganavam manifestamente os Pirrónicos; que chegaram, ou fingiram de duvidar daquilo mesmo, que viam com toda a evidencia. Sobre isto da-evidencia, á diversos graus: se a proposição é evidente sem prova, chama-se axioma: se em vigor das-provas se-faz evidente, chama-se ilação, ou conclusão evidente. Tambem estas conclusões evidentes, segundo as materias recebem diversos nomes: umas vezes dizemos, que tem evidencia *metafísica*; outras *física*; e outras *moral*; as quais sem muito trabalho se-intendem. Finalmente acham-se juizos duvidozos, verosímeis e inverosímeis: cuja natureza se-intende, com a simplez explicação, e um breve exemplo.

Estas são as duas operações diferentes da-mente, Percepção, e Juizo. nem á alguma outra de diferente especie. Tudo o-que a mente faz é, variar estas duas em diferentes maneiras: fazendo de muitas ideias, uma composta: e reconhecendo a conveniencia ou desconveniencia, de uma com outra: e pondo-as em ordem proporcionada, para se-conhecerem. Quando os Dialecticos dizem, que nestas três afirmações.

*Todo o homem é animal.*

*Pedro é homem.*

*Logo Pedro é animal.*

a ultima proposição é de diferente especie, das-primeiras; dizem uma coiza, que nam poderám nunca provar. O que eu acho é, que tanto a ultima, como as primeiras, são juizos, com que o entendimento reconhece, a conveniencia de duas ideias. Se o estar em ultimo lugar, ou reconhecer esta, porque já tenho reconhecido as outras, faz mudar de especie; seria necessário admitir, outras muitas operações do-intendimento.

Isto suposto, a principal operação livre da-mente, é o Raciocínio, ou Discurso. Consiste ele em que, dadas duas, ou três, ou dez, ou vinte ideias, se a primeira convem á segunda; e esta á terceira; e esta á quarta &c. a primeira á-de convir á ultima. Desta sorte o entendimento corre da-primeira, para a segunda: desta, para a terceira &c. E ao juizo com que

reconhece, a conveniencia da-primeira com a ultima; se-dá o nome, de *raciocinajam*, *inferencia*, *concluzam*, *discurso*, e alguns outros nomes: o que nam faz mudar a especie: pois na verdade é um juizo com que eu afirmo esta coiza, porque tenho afirmado, as anteccedentes. Onde pode a consequencia ser boa, e ser falsa, se uma das-premisas é falsa: e somente será verdadeira, se as premisas o-forem tambem. O que importa pois é, julgar primeiro bem, e nam se-enganar nas permisas: porque só assim é, que nam se-enganará na concluzam. Para fazer isto, é necessario notar, com infinita diligencia, as cauzas, e ocazioens dos-nossos erros, para os-poder evitar.

A primeira ocaziam de ingano, sam as nossas mesmas ideias. Nós percebemos mal, e contudo queremos discorrer com seguranca: os nossos sentidos sam falazes, e suministram-nos frequentes ocazioens de ingano, em materia fizica. O notar estes erros, pedia uma longa disertacão. Basta notar, que nos-enganamos nas ideias de *gravidade*, *levidade*, *asperexa*, *gosto*, *cheiro*, e *som* &c. Cuidamos que estas coizas existem nos-objetos, quando na verdade nada mais sam, que modificaçoens do-nosso corpo, e espirito. As ideias que recebemos polos olhos, tem mais outra razam, para serem falsas: pois segundo a diversa figura dos-olhos, de diferentes pessoas, devem representar os objetos ou maiores, ou menores doque sam. E assim nam nos-devemos fiar sempre delas, para julgar.

A segunda cauza, sam as ideias que formamos: em virtude das-quais mil vezes nos-enganamos. Chamo aqui ideias, àquelas supozicões que fazemos, para explicar os efeitos da-natureza. Uma vez que nos-ocorre, uma supozicão ou sistema, que nos-parece racionavel; sem demora alguma o-abramos como verdadeiro: sem advertir, que muitos sistemas diferentes, podem explicar provavelmente, a mesma coiza. Outra especie de ideias que fazemos, sam as abstracões: seguindo as quais, muitos julgam imprudentemente. Atribuimos a diversos efeitos, diversas cauzas: sem advertir, que a mesma cauza pode produzir diferentes, e às vezes incontrados efeitos. Daqui nace, mil inganos na Fizica, v. g. as virtudes que atribuimos, a muitos medicamentos, que nunca sonharam telas.

A terceira cauza de ingano, sam as palavras de que nos-servimos. Intendemos, que muitos termos significam o mesmo, quando na verdade nam sam sinonimos. As vozes servem, para explicar os pensamentos: e como nem todos intendem o mesmo, nem todos vem a explicar o mesmo. Das-sustancias inviziveis, nem todos sentiram o mesmo: temos o exemplo nestas vozes, *Deus*, *Animus*, *Spiritus*, *Angelus* &c. às quais alguns antigos uniram certas ideias, e outros uniram diferentes. O que intende um Deus, de figura umana: o que supoeni, um Deus igneo: o que o-julga, de um corpo futilissimo: o que o-cre espiritual: todos se-servem do-mesmo nome: o mesmo digo de outros nomes. Tambem os Omens se-diversificam, na ideia das-sustancias corporeas: uma ideia forma o ignorante, do-

do-Corpo: e outra mui diferente, o Filozoto. Tambem nas definiçoens de *Vicio*, *Virtude*, *Piedade*, *Santidade*, *Justiça*, *Obrigação* &c. se-diversificam muito os omens: de que a Iſtoria furniſtra, famosos exemplos. Os meſmos Dicionarios apontam vozes, a que nós oje damos um ſentido; e antigamente tiuham outro: v. g. *Navis*, *Triremis* &c. Onde quem nam diſtingue com cuidado iſto, frequentemente ſe ingana, e diſcorre mal.

A quarta cauza dos-nos inganos, ſam os afetos do-animo, que produzem infinitos erros. Eles impedem-nos muitas vezes, examinar bem as materias, e por-conſequecia, julgar bem. E muitas vezes fazem-nos amar, ou deſejar o duvidozo por-certo. Os que abraſaram de todo o ſeu coraſam, uma doutrina; nam só nam ſe-canſam em examinar, as razoens contrarias; mas nem o-podem fazer, porque as-nam-vem. Acrescento a iſto, que nem menos as-querem ver, aindaque lhas-ofereſam: nem ainda outras obras indiferentes, que ſaiem da meſma pena, *in odium auctoris*. Eſte juſtamente é o cazo que ſucedeo neste Reino, a um Teologo meu conhecido, que tinha abraſado a Ciencia media. In trou em uma livraria, onde casualmente abrio um livro, que tratava dos-prolegomenos da-Eſcritura: lidos alguns paragrafos, louvou muito a materia, e o metodo; e proguntou quem era o autor: e quando ouvio dizer, que era um Dominicano, fechou logo o livro, e nam diſe mais palavra. Conque, ſerá neceſario deſpir-ſe, de todos os prejuizos; para intender as coizas bem, e poder diſcorrer com acerto.

Conhecidos os erros, é neceſario evitalos, procurando a verdade. Para o-fazer, é preciso obſervar algum metodo. E' pois o metodo aquela operaſam do-intendimento, tam neceſaria em todo o genero de Ciencias: e ſem a qual nam ſe-pode diſcorrer bem. O diſcurſo é aquele progreſo, que o entendimento faz, de um conhecimento para outro: o metodo é o que prepara a materia, ao diſcurſo. Deſorteque a mente com o metodo diſpoem as ideias, em boa ordem: e com o diſcurſo reconhece a conveniencia delas. De duas fortes é o metodo. Diſpomos as vezes os noſos conhecimentos, de uma tal maneira, que dividimos a coiza que queremos conhecer, nas ſuas partes: paraque aſim as-poſamos conhecer todas, e conſequentemente o todo. Eſte metodo chama-ſe rezolutivo, ou *analytico*, que vale o meſmo. Emprega-ſe comumente, para reconhecer a verdade de muitas queſtoens, e para deſcobrir, e adquerir conhecimentos. A outra forte de metodo é, quando devendo enſinar uma doutrina aos outros, de tal forte diſpomos, os noſos conhecimentos; que intendendo cada um deles, venha o dicipulo a conhecer, todo o corpo da-Ciencia, que ſe-compoem, daquelas particulares doutrinas. Eſte metodo chama-ſe compozitivo, ou *ſintetico*, que ſam ſinonimos: ou tambem metodo de *doutrina*, ou *didatico*, ou *didascalico*: que vale o meſmo. E deſte uzam comumente os bons meſtres, quando enſinam alguma materia.

Para nam nos-inganarmos no-metodo, é neceſario ter diante dos-olhos

olhos, que nós ignoramos a essência, de todas as coisas. Onde ignoramos, a essência da-Materia, do-Corpo, das-Fórmãs, do-Espirito, e das-nossas mesmas ideias: é necessário antes de tudo, pôr esta advertência. Isto suposto, fazem-se questões indissolúveis, a que nam podemos responder: que são as que dependem, do-conhecimento da-essência das-coizas: e destas nam fallamos. Temos alem disto questões solúveis, que se-dividem em trez espécies: I. posto um attributo, pergunta-se qual é o sujeito que lhe-compete. II. posto o sujeito, pergunta-se qual attributo determinado lhe-compete. III. dado o attributo, e sujeito, pergunta-se se um compete a outro. Trez são as fontes donde se-tiram, as solúções de todas as questões: Razão, Experiencia, e o Testemunho dos-autores.

As leis do-metodo Analitico são estas. Intender os vocabulos: determinar as questões: separar as partes delas: fugir de todo o genero de equívocos: fugir das-obscuridades: estabelecer termos comuns, e claros: intender os testemunhos e autoridades, em que se-funda. Alem disto, saber os requisitos que são necessários, para intrar em uma questão: v. g. para a História, as Antiguidades, Cronologia, e Geografia &c. para a Física, a noticia das-melhores experiencias &c. Ler o contexto, e ver as mais coisas que apontam os outros, para nam errar no-criterio. Ter presentes os canones, que comumente se-afinam, para distinguir as obras supostas, das-verdadeiras.

O metodo Sintetico, ou metodo de mostrar a verdade, tem estas leis. Nam admitir voz sem a-explicar: nam mudar o significado das-vozes: nam concluir sem evidencia: nam inferir senão de principios provados. Quem observa estas regras, pode ter a consolação, que tem boa Logica.

Tendo visto o modo, com que o estudante se-deve regular, no metodo das-Ciências, fica claro, como se-deve conter nas disputas publicas, tanto argumentando, como respondendo. Deve pois argumentar com razões, e nam com palavras: fugindo de sofismas, como indignos de um Filozofõ, que sinceramente ama a verdade. Se quizer servir-se do-silogismo para argumentar, pode fazê-lo. Digo porém, que muitas vezes sem silogismo, expõe melhor as suas razões: servindo-se de um metodo de dialogo curto, e claro.

No-que toca a responder, se o arguente se-servir de silogismos, com boas razões, pode seguir o mesmo metodo: se pois ele começar com o sofisma, é melhor reduzi-lo fóra da-Fórma, para lhe-ensinar a argumentar. Em todo o caso nam se-deve deixar passar proposição obscura, que nam se-explique. Se V. P. obriga a explicar-se um sofista, e pôr em pratos limpos, o que quer dizer nesta, ou naquela proposição; acabou-se o sofisma. Esta nam é ideia nova, de que se-devam admirar os Dialeticos: eles o-praticam todos os dias argumentando, e respondendo. Se o que distingue uma proposição, uza de termos incognitos; ou se o que argumenta, se-servir de semelhantes proposições; verá V. P. que os mais advertidos Peripateticos, são

são os primeiros a dizer-lhe, que explique a proposição, ou distinga. Julgo pois, que o mesmo deve fazer qualquer deficiente, que tem a infelicidade, de ter um Dialetico por-arguente. Ponha-se o estudante neste primeiro principio, de não deixar falar palavras confusas, como fazem os Geometras; e verá que se-acabam, todas as disputas: as quaes comumente versam, sobre a diversa intelligencia dos-termos; e não tem mais força, que aquella que lhe-dá, a disposição artificial do-silogismo. Desorteque reduzido a proza corrente, o que estava armado em silogismo, não tem força alguma.

Tenho dado em breve a V. P. uma ideia da-Logica, que pode ser util neste mundo, para todos os empregos. Isto necessitava ser provado, com mais extensão: mas isto excede o metodo de uma carta. Do-que aponto, comprehende V. P. muito bem, como se-deve dispor a Logica, para servir em todo o genero, de bom discurso. Digno é de admirar, que aja quem intenda, que a Logica somente deve servir, para a Teologia: e que por-isto a-enchem, de todos aqueles termos, que se-acham na Escolastica comua: e façam uma Logica, que não serve para coisa alguma. Como se os homens somente na Fiza, ou Teologia devem discorrer bem; e nas outras coisas mal! Persuado-me, que importa igualmente discorrer bem, em todas as materias da-vida civil, que naquelas duas. A maior parte dos-Homens, não seguem aquella profissão, mas outras diferentes, e não menos utis à Republica; tanto nos-empregos altos, como baixos: e assim é necessario, que tenham regras, para se-regular em todos os seus empregos: quero dizer na politica publica, e privada, a que chamam vulgarmente Economia. Cuido, que a Logica que aponte a V. P. fornece meios proprios, para não se-enganar em ideia alguma, quanto é possível ao Homem evitar os enganos, nesta vida mortal: e que por-este principio se-deve preferir, todas as outras. Toda a dificuldade hoje consiste em determinar, qual destas modernas, (porque das-Peripateticas nenhuma se-deve ler) possa suministrar, as ideias que procuramos. Nisto direi a V. P. o meu parecer, no-qual tenho alguns companheiros: vem a ser, que ainda até aqui não tem aparecido alguma, que satisfizesse inteiramente, ao que desejamos. Tenho lido quasi todas as modernas impressas, algumas bem raras, e também algumas manuscritas: e achei que muitos copiaram-se fielmente. Dos-outros que podemos chamar autores, todos têm coisas boas, e deles se-pode tirar muito; mas não tudo neles é bom: além disto algum deles é só para homens consumados, e não para rapazes: e são muito difuzos. Onde para os principiantes, a sento, que ainda não apparece, a Logica desejada. E assim será necessario, servir-se de alguma das-melhores, emendando-lhe os defeitos. Chegando eu aqui, veio visitar-me o Senhor \*\*\* e perguntando-lhe com confiança de amigo, se sabia de alguma boa Logica; me respondeo, que o \*\*\* compoz ultimamente toda a Filosofia, por-um modo excelente, que

ele tinha visto. Perguntei-lhe que me-explicasse, o metodo da-Logica: e depois de o-ouvir, e considerar, asento que se-uniforma muito, à minha opiniam: e pode ser que seja ainda mais claro, e mais util para os principiantes, que este que acima apontei. Comque tem V. P. a Logica que dezeitava: sabe V. P. mui bem, de que pezo é o juizo deste amigo. Disse-me que vencidas certas dificuldades \*\* faz conta imprimila. Deus o-permita. Isto é o que me-ocorre por-agora dizer a V. P. pedindo ao Senhor, o-conserve por-muitos anos.

FIM.

DO PRIMEIRO TOMO.

## ADVERTENSIA.

**T**Endo achado, que estes erros sam mais frequêntes nesta edisam, por isto dou uma regra geral, para se-emendarem.

*Achando-se*

engano, deengano, enganar, deenganar

comprimir, imprimir, oprimir admitir, permitir, e outras vozes, que se-formam destes Infinitos: tirando algumas que o autor excetua.

entrar, encontrar, emportar, enformar, engenhar; engenho: e vozes, e nomes que destes nadem.

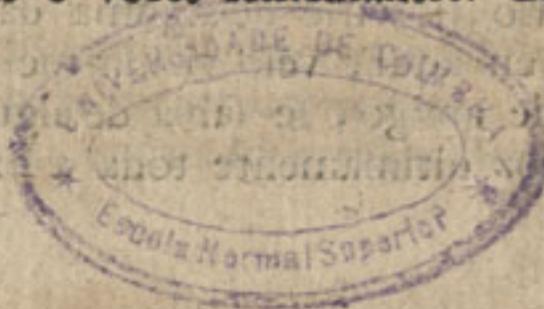
O acento que se acha nos monosilabos já, lè, vè, cá, lá; tambem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dè, dà, dás más só por *verbo* &c. para os distinguir das particulas e vozes semelhantes. Como tambem em pé, pés, e outra rarissima.

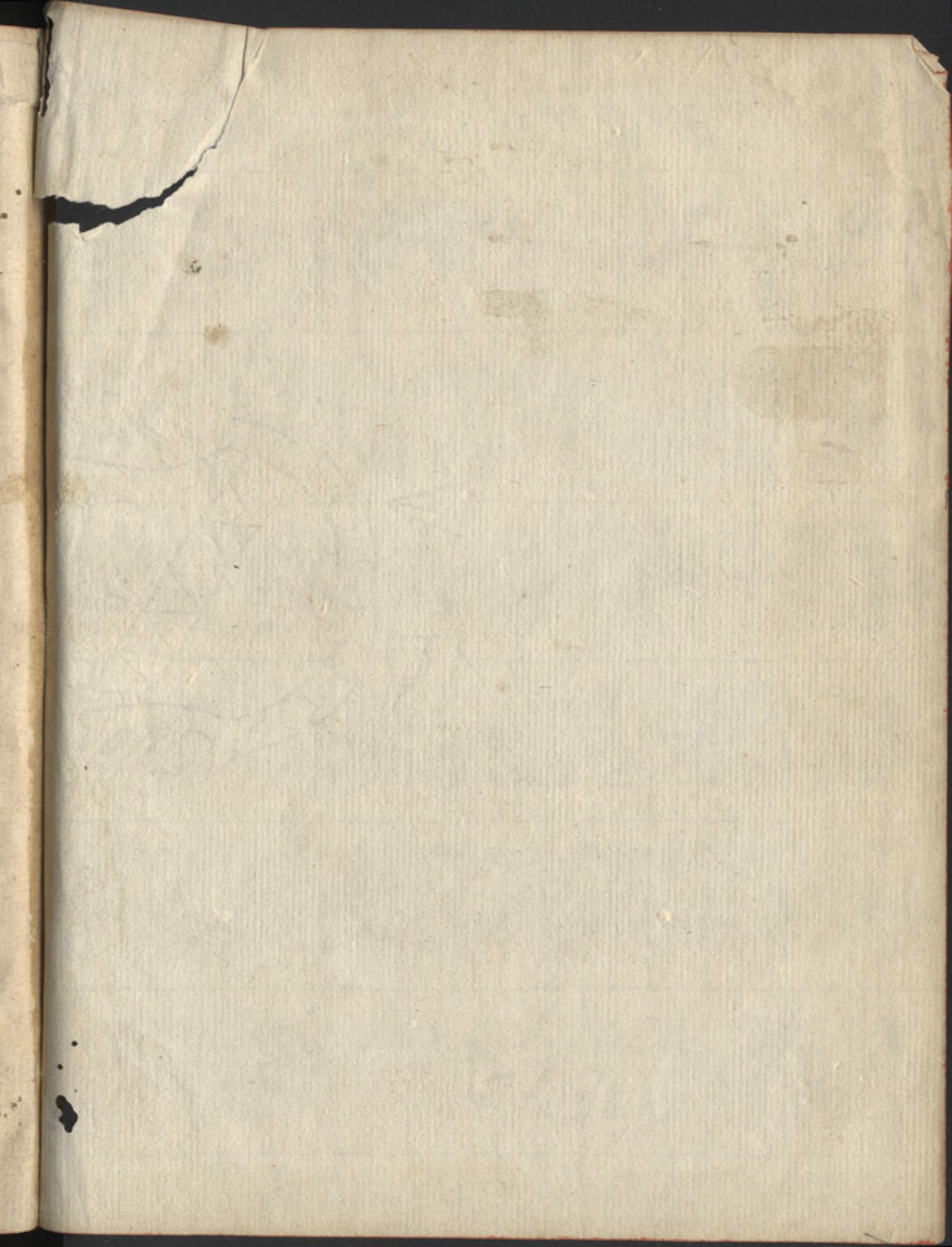
*Leia-se*

ingano, dezingano, inganar, dezinganar

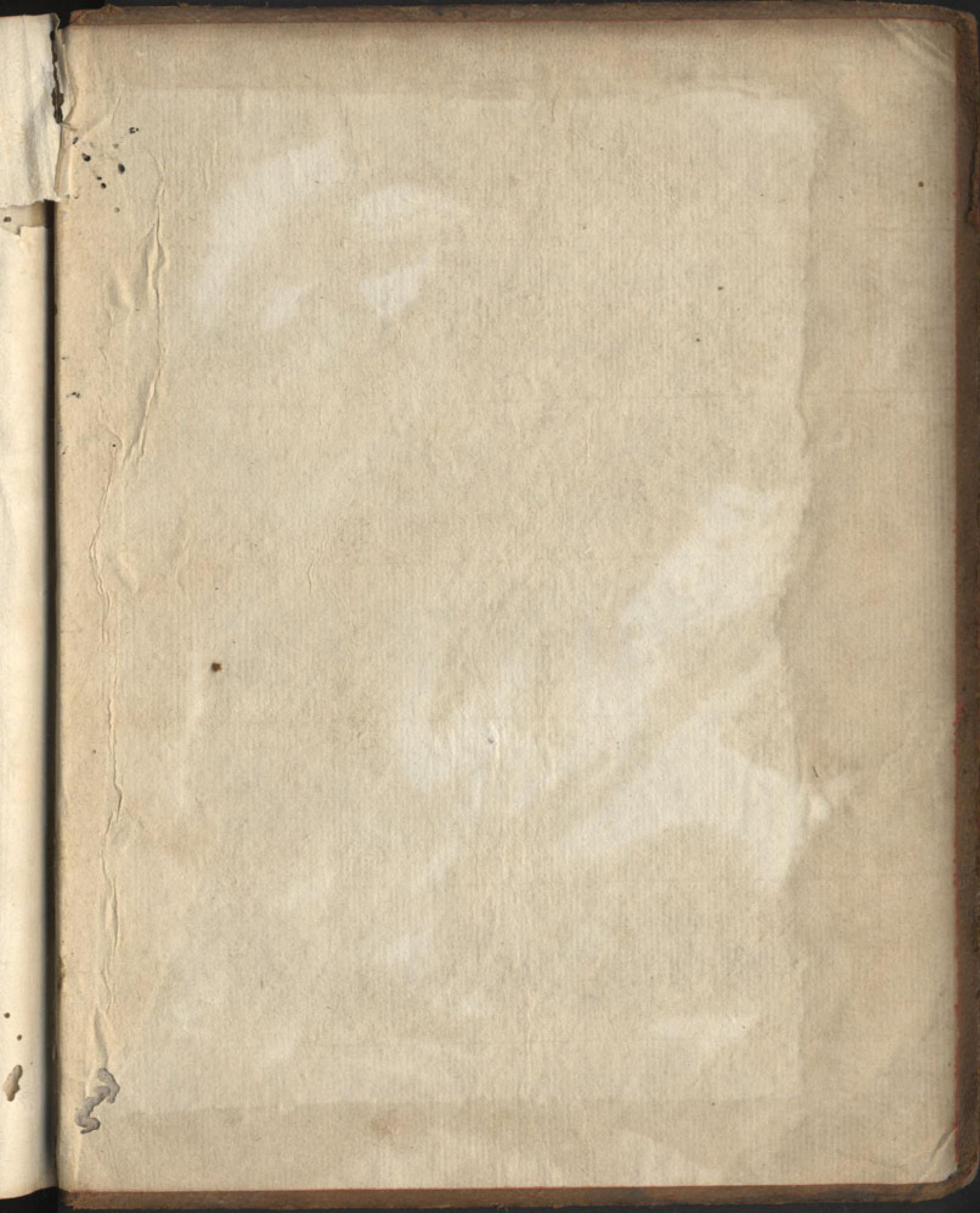
compremir, impremir, oprimir &c.

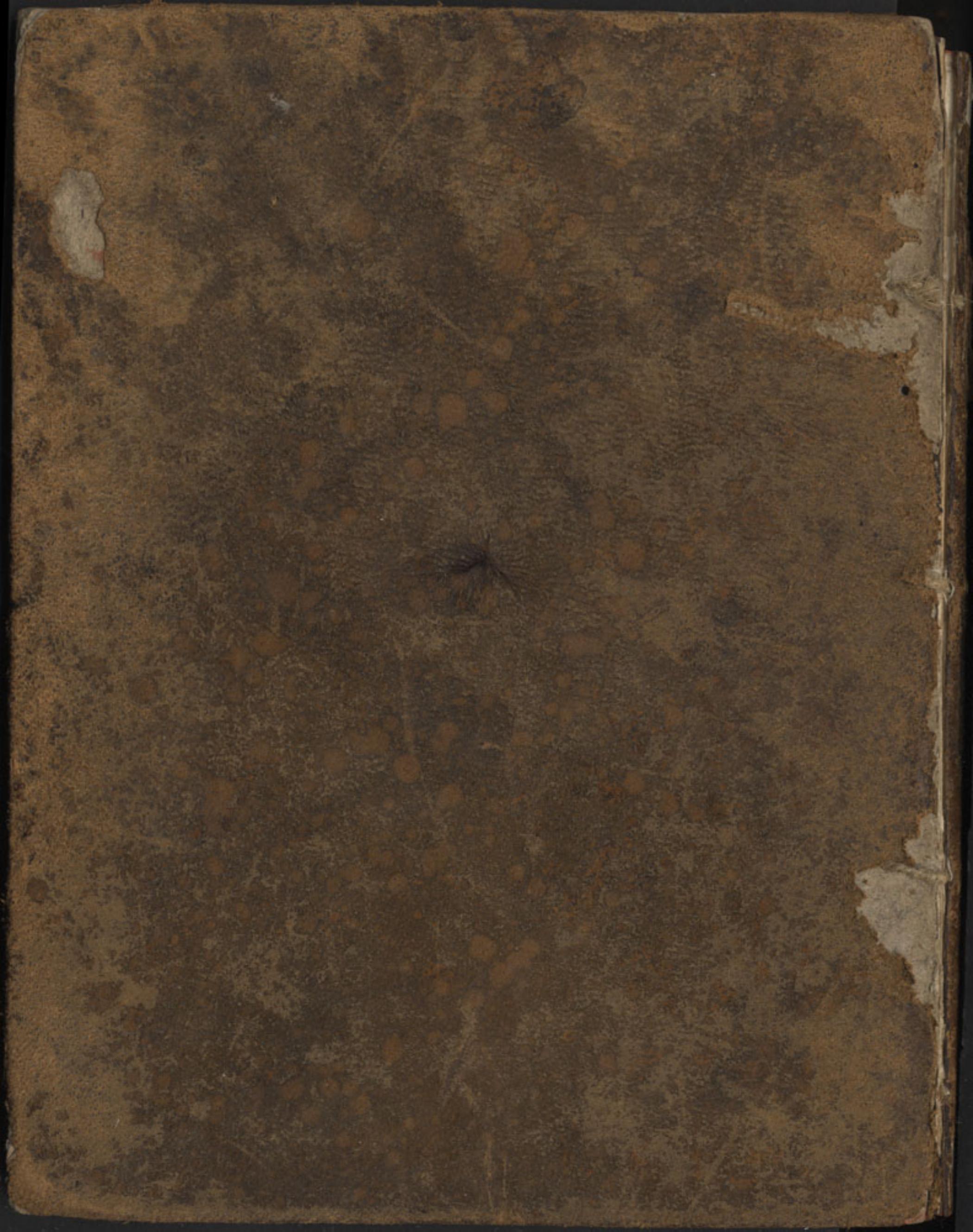
intrar, incontrar, importar, informar, ingenhar &c.





-me-





METODO  
DE  
ESTUDAR

1

Sa  
Es  
Ta  
N.

CC  
C  
4  
20